



ESG

no Segmento de Obras
Industriais e Corporativas



CBIC



ESG no Segmento de Obras Industriais e Corporativas

Apoio



Correalização



Realização



E75

ESG no segmento de obras e industriais / Thiago Gomes de Melo ... [et al.]. — Brasília : CBIC, 2022.

88 p. : il., color.

Documento realizado pela Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC).

Correalização: Senai. Apoio: Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de Minas Gerais (Sinduscon/MG) e Fundação Dom Cabral.

1. Meio ambiente 2. Obras industriais - sustentabilidade 3. Obras industriais - práticas sociais 4. Obras industriais – governança I. Melo, Thiago de Melo.



CBIC

Presidente

José Carlos Martins

Vice-Presidente da Área de Obras Industriais e Corporativas

Ilso José de Oliveira

Gerente Executiva - Projetos

Patrícia Ribeiro Rêgo

Gestor de Projetos de Obras Industriais e Corporativas

Alexandre Nícolas Dantas dos Santos

Câmara Brasileira da Indústria da Construção

CBIC – SBN – Quadra 01 – Bloco I

Ed Armando Monteiro Neto

3º e 4º andar – CEP: 70040-913

Telefone: (61) 3327-1013

E-mail: coic@cbic.org.br

www.facebook.com/cbicbrasil

www.cbic.org.br

SINDUSCON MG

Presidente

Renato Ferreira Machado Michel
Seven Engenharia Ltda

Vice-Presidente de Obras Industriais e Corporativas

Celso Pimentel Fraga Filho
MIP Engenharia Ltda

Equipe Técnica

Coordenação e Elaboração

Thiago Gomes de Melo
Reta Engenharia

Elaboração

Sérgio Rezende
Engserj Projetos e Engenharia

Marco Túllio Miraglia Neto
Cimcop Engenharia e Construções

Marcelo Eduardo Figueiredo
Progesys INC

José Pedro Barbosa Lins
Fundação Dom Cabral

COIC

COMISSÃO DE OBRAS
INDUSTRIAIS E CORPORATIVAS

CBIC

Sumário

Ficha Técnica	05
Introdução	
CBIC	08
Sinduscon-MG	10
1. Apresentação	11
2. Mensagem dos Presidentes	15
Palavra da Diretoria	17
3. ESG - Introdução e Linha do Tempo	19
4. A Importância do ESG para o mundo e para a Indústria da Construção	21
5. Os benefícios das práticas ESG nas Organizações	24
5.1 A questão racional e moral;	24
5.2 Benefícios econômicos diretos;	27
5.3 Benefícios econômicos indiretos e imensuráveis;	28
5.4 Mitigação de riscos e perenidade;	29
5.5 Tendência inevitável de mercado;	30

6. Maturidade das Práticas de ESG e Desempenho Econômico	31
6.1 Introdução;	31
6.2 ESG e Desempenho Financeiro – Pesquisa NYU & RAM;	33
6.3 Estudos e Pesquisas no Brasil e no Setor da Construção;	35
6.4 Pesquisa de Maturidade ARCHIBALD & PRADO	36
6.5 O que é possível fazer no curto prazo;	37
6.6 Desafios frequentes na implementação de Políticas e Práticas de ESG;	42
6.7 A importância da transparência das informações nos relatos de Impacto/ESG/Sustentabilidade;	45
Considerações gerais sobre Transparência no Brasil;	47
Quais são os benefícios da transparência nas empresas?	47
7. Os estágios da evolução do ESG: oportunidades, desafios e riscos para a perenização dos negócios	49
8. ESG na indústria da construção	69
9. Conclusão	77
Publicações CBIC	80



A Câmara Brasileira da Indústria da Construção

A Câmara Brasileira da Indústria da Construção (**CBIC**) foi fundada em 1957, no estado do Rio de Janeiro. Sediada em Brasília, a **CBIC** reúne 98 sindicatos e associações patronais do setor da construção, provenientes das 27 unidades da Federação.

Entidade empresarial por adesão voluntária, a **CBIC** representa politicamente o setor e promove a integração da cadeia produtiva da construção, contribuindo para o desenvolvimento econômico e social do país.

Dirigida por um Conselho de Administração eleito pelos associados, a **CBIC** atua por meio das suas comissões técnicas, quatro delas voltadas para as atividades-fim: Comissão de Infraestrutura (**COINFRA**), Comissão da Indústria Imobiliária (**CII**), Comissão de Habitação de Interesse Social (**CHIS**) e Comissão de Obras Industriais e Corporativas (**COIC**).

Além destas, a **CBIC** possui ainda a Comissão de Política de Relações Trabalhistas (**CPRT**), a Comissão de Materiais, Tecnologia, Qualidade e Produtividade (**COMAT**), a Comissão do Meio Ambiente (**CMA**), a Comissão de Responsabilidade Social (**CRS**) e o Conselho Jurídico (**CONJUR**). Conta ainda com o seu próprio Banco de Dados.

A **CBIC** representa Nacional e Internacionalmente a Indústria Brasileira da Construção. Também integra a Federação Interamericana da Indústria da Construção (**FIIC**), entidade que representa o setor da construção em toda a América Latina, e é filiada à Confederação Internacional das Associações de Construção (**CICA**).

Visando a difusão do conhecimento técnico e de boas práticas no setor da construção, a **CBIC** realiza diversos eventos que contam com palestrantes especializados, em uma ampla rede de relacionamentos e oportunidades de aprendizado.

A **CBIC** é a entidade máxima representante do mercado imobiliário e da indústria da construção no Brasil e no exterior. Representa 98 entidades das 27 unidades da federação. Isso corresponde a mais de 70 mil empresas.

A Cadeia produtiva do setor da construção representa cerca de 6,0% do PIB brasileiro. É responsável por 40,0% do investimento no Brasil e emprega cerca de 2,5 milhões de trabalhadores com carteira assinada.

CBIC

A CBIC
REPRESENTA

98

ENTIDADES NAS

27

UNIDADES DA
FEDERAÇÃO

ISSO CORRESPONDE
A MAIS DE

70mil

EMPRESAS

A CADEIA PRODUTIVA DO
SETOR DA CONSTRUÇÃO
REPRESENTA CERCA DE

6%

DO PIB BRASILEIRO

É RESPONSÁVEL POR

40%

DO INVESTIMENTO
EXECUTADO NO BRASIL

E EMPREGA CERCA DE

2,5milhões

DE TRABALHADORES
COM CARTEIRA ASSINADA



Sinduscon-MG, o parceiro da Construção.

Fundado em 14 de dezembro de 1936, o **Sindicato da Indústria da Construção Civil no Estado de Minas Gerais (Sinduscon-MG)** representa um dos mais importantes setores produtivos da economia brasileira: a indústria da Construção Civil.

Entidade de extrema importância para o fortalecimento da categoria, oferece uma estrutura – através das Assessorias Econômica, Jurídica e Técnica – que se empenha na defesa dos interesses do setor construtor do Estado.

Disponibiliza ao associado pesquisas sobre o mercado imobiliário, acesso a informações e estatísticas setoriais, por meio do Banco de Dados da Construção (BD/CBIC), convênios e descontos diversos, isenção da Contribuição Patronal e representa institucionalmente as construtoras em conselhos e fóruns estaduais.

As construtoras têm à disposição diversos outros benefícios por meio dos trabalhos e atividades das comissões da entidade: Indústria Imobiliária, Materiais e Tecnologia, Meio Ambiente, Obras Industriais e Corporativas, Política e Relações Trabalhistas, Pequenas e Médias Empresas e Loteamentos.

As empresas associadas também podem participar das atividades do Conselho Jurídico do **Sinduscon-MG** (Conjur-MG), do Grupo de Intercâmbio da Construção Civil em Recursos Humanos (GICC-RH) e do Sinduscon-MG Jovem, que estimula a participação de jovens empresários em iniciativas para o fortalecimento do setor.

Por meio de seu Centro de Treinamento, o Sindicato oferece atualização e capacitação profissional nos níveis técnico e gerencial para associados e não associados. Tudo isso, sem ainda esquecer da responsabilidade social: através do Seconci-MG (Serviço Social da Indústria da Construção Civil no Estado de Minas Gerais). São oferecidas consultas gratuitas nas áreas médica e odontológica para trabalhadores do setor e seus dependentes, além da disponibilização de serviços nas áreas de segurança do trabalho. Desde sua fundação, em 1992, o Seconci-MG já realizou mais de 2 milhões de atendimentos.

O Sinduscon-MG participa efetivamente de:

- Negociações trabalhistas, compatibilizando interesses das partes envolvidas;
- Promove a integração com os órgãos públicos e privados que compõem ou se relacionam com o Sistema Financeiro da Habitação (SFH);
- Amplia o intercâmbio da Construção Civil, buscando maior conscientização empresarial e política, além do aumento da representatividade do sindicato;
- Amplia o mercado de obras para associados, através do relacionamento constante com órgãos governamentais;
- Defende os interesses dos associados junto a órgãos de diferentes esferas;
- Está presente em todo o processo produtivo da Construção (da concepção do empreendimento até o pós-obra e relacionamento com o cliente);
- Realiza mensalmente o cálculo do Custo Unitário Básico da Construção (CUB/m²), principal indicador de custos no setor da construção.

Atualmente, o **Sinduscon-MG** representa mais de 12 mil empresas (associadas, sindicalizadas e parceiras) em 500 municípios mineiros. Filiado à **Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC)** e à **Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG)**, a entidade tem a credibilidade necessária para defender os direitos dos seus associados.

Apresentação





Em um mercado progressivamente dinâmico, complexo e interconectado, é fundamental que as organizações tenham uma visão mais sistêmica, tanto para antecipar e mitigar riscos, como para entender as novas oportunidades de geração de riqueza, valor, transformação, prosperidade social e competitividade. É neste cenário que emergem, e ganham força, os princípios do **ESG**.

Sigla em inglês para Environment, Social and Governance, resumidamente o termo trata de indicadores que medem o desempenho das organizações nas três esferas: ambiental, social e governança.

Em outras palavras, uma empresa atenta aos pilares **ESG**, busca formas de assegurar um uso consciente dos recursos, além de cuidar bem do relacionamento com seus diferentes stakeholders e mantêm os melhores processos de liderança e gestão. Além de ter prosperidade econômica, desenvolve também equidade social, sustentabilidade ambiental e vitalidade na sua governança e cultura; *os quatros pilares da Competitividade Sustentável e do ESG.*

A importância desse tema para qualquer setor é premente, quanto mais para um segmento que consome a ampla maioria dos recursos naturais do mundo e emprega grande volume de mão de obra; sendo que atravessou, recentemente, a maior crise de credibilidade de sua história no Brasil. *Neste cenário, não há setor que deveria olhar com mais atenção para os três pilares do ESG do que o segmento da indústria da construção.*

Muitas empresas e empresários ainda tratam o **ESG** com certa desconfiança, pressupondo que as ações propostas por essa lógica acarretarão custos adicionais para seus negócios sem a contrapartida da geração de riqueza e valor concretos e, portanto, veem como

contraproducente a adoção das práticas recomendadas. Enxergam o **ESG** como uma “indústria” que vem sendo utilizada pelas consultorias e órgãos certificadores para explorar o pouco conhecimento das empresas acerca do assunto. Não é demais dizer que em toda comunidade empresarial, e não apenas na indústria da construção, muitos executivos associam o **ESG** apenas a ações rasas, que são importantes, mas não têm, por si só, impactos relevantes em toda a cadeia. É necessário levar o conhecimento sobre **ESG** de forma clara, eficiente e alinhada às demandas da indústria de construção. Apresentar de forma clara que as indústrias de construção já praticam **ESG**, mas não tem noção de que praticam, assim não aproveitam as oportunidades do **ESG** para os seus negócios. Muitos não sabem que o **ESG** foi lançado há 18 anos, em 2004.

Ações como destinação de verbas para contribuir com reflorestamento, contratação de profissionais diversos, (por exemplo com deficiência) e a instituição de um sistema de compliance, são práticas importantes e devem ser levadas em consideração, mas não conseguem, isoladamente, mudar a realidade empresarial do país no que se refere a agenda **ESG**.

Os grandes impactos advêm de um olhar profundo sobre a cadeia produtiva do setor, atacando primordialmente os aspectos mais relevantes (materiais) e com potencial de gerarem impactos / resultados perenes para a nossa indústria. Segundo o GBC Brasil, a indústria da construção consome quase 75% dos recursos naturais do mundo e, com ações relativamente simples, é possível reduzir cerca de 30 a 40% o consumo de água e energia e em 65% a geração de resíduos.

Se implementadas de forma disciplinada e efetiva, essas ações gerariam benefícios enormes tanto para as empresas quanto para o

meio ambiente e a sociedade, como exemplo: implantando projetos de economia circular eficientes. Além disso, a indústria da construção emprega mais de 10 milhões de trabalhadores, ou seja, emprega aproximadamente 10% da população economicamente ativa da federação, e poderia impactar muito mais com iniciativas como a economia circular. Programas consistentes de qualificação profissional podem aumentar de maneira significativa a produtividade do setor com impactos relevantes na capacidade de geração de riquezas do país. Situações como essa precisam ser avaliadas como uma grande oportunidade para reduzir os custos dos projetos, viabilizando mais negócios e trazendo benefícios para os colaboradores das próprias empresas e de suas cadeias de abastecimentos (e/ou valor), que forem submetidos aos treinamentos.

No que tange aos aspectos de governança, os ganhos também são relevantes. Não há nada pior para um setor e para as empresas, que nele militam, do que uma crise de confiança. Crises como a vivenciada pelo setor em 2014 produzem reflexos por muitos anos. Elas provocam reações contundentes dos mecanismos de controle, forçando as empresas a destinarem volumes importantes de seus recursos para áreas jurídicas e de controladoria, que são importantes, mas não geram valor efetivo para os projetos, tornando mais difícil a viabilidade deles. Investimentos na criação de uma cultura forte para formação de profissionais com valores éticos sólidos e uma estrutura de governança robusta contribuem para a retomada da confiança e seriedade do setor a longo prazo. Há uma enorme necessidade de desenvolver a vitalidade cultural e a governança de nossas empresas, baseadas em princípios, valores e credos consistentes. A consequência de ações como essas será refletida de maneira inequívoca no valor dos projetos como das próprias empresas.

Afinal, quanto maior a confiança no segmento, mais competitivo ele será. Ter um negócio com propósito e impacto positivo para a sociedade impulsiona a inovação e a criatividade através da diversidade, aprimora a liderança, a colaboração e a transparência entre as equipes, melhora a atração, retenção e satisfação de talentos, além de conferir maior resiliência às organizações frente aos desafios socioeconômicos e ambientais no atual momento. Deve-se ponderar, porém, que não existem fórmulas mágicas ou exigências que induzam à uniformidade.

A extensão, o caráter e o impacto das ações diferem entre organizações devido ao porte e tipos de atividades. Cada empresa deve adotar medidas que sejam pertinentes para seu propósito, sua cultura, valores, princípios, credos e seu direcionamento estratégico. Porém, à medida que o termo ganha notoriedade, em todo o mundo, torna-se cada vez mais claro o fato de que, seja por interesse ou por convicção, pequenas, médias ou grandes empresas da nossa indústria devem avançar na agenda **ESG**.

Com intuito de suscitar discussões sobre o tema, através da reunião do conhecimento de diversas empresas e executivos da indústria da construção. A CBIC e o Sinduscon-MG propõem, por meio desta cartilha, um olhar mais profissional para o ESG, que revele de forma mais clara a importância e os benefícios das práticas recomendadas.

Subcomissão de Contratos de Obras Industriais do Sinduscon-MG



2 “ Mensagem dos Presidentes



José Carlos Martins
Presidente da CBIC

A realidade do mercado da indústria da construção, em constante mudança e incerteza, impõe a necessidade, cada vez maior, das empresas elevarem o nível de sucesso de seus projetos. O uso dos propósitos e valores das organizações, atualmente crescente, como norteador nas tomadas de decisão, tem tornado todos do ambiente corporativo conscientes da expectativa de fornecer evidências tangíveis e confiáveis sobre os dados de sustentabilidade e responsabilidade social, o que contribui não apenas para a reputação, mas para os negócios, com um importante aumento do nível de maturidade da empresa.

Diante dessa visão, a perspectiva do **ESG (Environmental, Social and Governance)** passou a ser pauta e um dos importantes focos nas discussões sobre a geração de valor no propósito de existência das empresas, além de interesse crescente dos investidores, formuladores de políticas públicas e demais stakeholders.

Com clientes ou consumidores mais exigentes e preocupados com temas como sustentabilidade, mudanças climáticas ou igualdade no trabalho, a interconexão das questões ambientais, sociais e de governança tornou-se imprescindível para qualquer negócio.

A implementação de ações baseadas nesses três pilares é capaz de criar maior valor e atrair mais investimentos. Ignorar esse tema pode enfraquecer a posição competitiva de uma empresa em qualquer segmento, afetando significativamente a confiança em seus serviços ou produtos e, conseqüentemente, impactando negativamente seu plano de perenidade.

Dessa forma, os vínculos entre os padrões **ESG**, a estratégia corporativa e os riscos nunca foram tão claros para as instituições da indústria da construção, que precisam se adaptar rapidamente e responder aos diferentes cenários sem precedentes e imprevisíveis, emergindo mais fortes da pandemia e garantindo que seus stakeholders se recuperem juntos.

Outra questão central está por trás do “S” do **ESG**, o aspecto social do investimento, ou seja, como as empresas podem gerenciar suas relações com sua força de trabalho, a sociedade em que atua e o ambiente político. É evidente que os fatores sociais não dependem apenas de como os clientes julgarão o comportamento da empresa, mas também de como as instituições, e toda sua cadeia de suprimentos, conseguem construir ambientes em que a inclusão e a igualdade, em conjunto com o bem-estar dos funcionários, proporcionem também mais produtividade, criatividade e inovação. Desse modo, investidores, clientes e sociedade esperam das empresas um compromisso efetivo com esta agenda, com processos que sejam capazes de monitorar o cumprimento dessas diretrizes estratégicas por parte de todos os parceiros de negócio.

À medida que todos nós começamos a pensar no futuro e nos perguntar sobre os próximos passos, fica claro que todas as instituições públicas ou privadas precisam adquirir uma profunda apreciação da liderança orientada por propósitos e princípios **ESG**. No entanto, devemos concentrar esforços por essa determinação de trabalhar juntos para impulsionar mudanças efetivas e beneficiar todas as partes interessadas em tratar e implementar esse tema. Por isso, a **CBIC**, por meio de sua **Comissão de Obras Industriais e Corporativas (COIC)**, em seus projetos “Valorização da Engenharia” e “Inovação, Produtividade e Competitividade”, integrada com a **Comissão de Responsabilidade Social (CRS)** e a **Comissão de Meio Ambiente (CMA)** e em parceria com o **Sinduscon-MG** e a **Fundação Dom Cabral**, disponibiliza essa presente publicação, com o objetivo de aproximar as discussões e estabelecer diretrizes para a construção de estratégias claras de curto a longo prazo.

Além da exposição conceitual, cria um campo de atuação nivelado possibilitando avaliar quais ações ou intervenções realmente fazem a diferença, unindo e replicando-as para causar impactos positivos a todos os segmentos. A iniciativa é mais um passo no firme caminho da **CBIC** de buscar o fortalecimento das empresas e soluções alinhadas ao desenvolvimento sustentável do País.



José Carlos Martins
Presidente da CBIC

Nilson Sarti
Presidente da CMA
VP de área da CBIC

Ana Cláudia Gomes
Presidente da CRS
VP de área da CBIC

Ilo José de Oliveira
Presidente da COIC
VP de Área da CBIC



Nilson Sarti
Presidente da CMA



Ana Cláudia Gomes
Presidente da CRS



Ilo José de Oliveira
Presidente da COIC

“

A Palavra da Diretoria



Renato Michel
Presidente do Sinduscon-MG

Com mais de 85 anos de história e uma atuação pautada em princípios éticos, o **Sindicato da Indústria da Construção Civil no Estado de Minas Gerais (Sinduscon-MG)** é uma das entidades pioneiras do país a trabalhar em benefício da construção brasileira e da evolução das empresas que representa. Faz parte de seu compromisso fomentar projetos e ações em prol da produtividade, da eficiência e da sustentabilidade de suas associadas, servindo também como instrumento de interlocução dos seus interesses junto aos governos municipal, estadual e federal, entidades públicas, privadas e junto a sociedade em geral.

Atuamos na melhoria contínua das ferramentas e processos gerenciais e de governança das empresas do setor, com o intuito de aumentar o nível de competitividade e mantê-las alinhadas às necessidades do mercado, além de contribuir sobremaneira para a sustentabilidade dos seus negócios.

Em função disso, o **Sinduscon-MG** oferece a sua contribuição para reunir e disseminar conhecimentos sobre um tema tão relevante e atual como a agenda **ESG**, discussão aqui conduzida à luz dos objetivos e desafios concernentes à realidade da Indústria da Construção em nosso país.

São essenciais as iniciativas da entidade para aprofundar o debate sobre o tema e fornecer diretrizes para que as empresas associadas consigam evoluir nas dimensões ambientais, sociais e de governança. Acreditamos que uma entrada contundente na agenda **ESG**, impulsionando negócios que gerem riqueza para nosso país e impactos socioeconômicos positivos no mundo, seja um dos meios importantes para que o setor fortaleça ainda mais a sua credibilidade junto à sociedade e aos mecanismos de controle.

As organizações que reconheceram antecipadamente a importância de se adequarem às demandas globais nestes três aspectos obtiveram também resultados econômicos superiores, se comparadas ao restante do mercado, o que praticamente encerra com as discussões sobre a geração ou não de riqueza e valor ao se implementar medidas que contribuam para sustentabilidade, justiça social e adoção de sistemas vitais que levem à nossa governança e cultura corporativa.

Isso significa que estamos seguros de que a maturidade e o potencial crescimento de uma organização são hoje fatores fortemente atrelados à sua capacidade de demonstrar conformidade às práticas **ESG**.

A indiferença às questões de responsabilidade socioambiental e corporativa pode significar risco de danos à reputação, erosão da marca, perda de talentos e, em última instância, o fracasso dos negócios.

Esta cartilha é resultado de um trabalho conjunto e contempla contribuições de empresas contratantes, contratadas, entidades de classe e escolas de negócio. Seu principal objetivo é expandir o conhecimento do setor pelo tema, para, em um próximo momento, orientar a implementação de ações em atendimento aos princípios **ESG**, o que resultará, como consequência, na melhoria da gestão e do desempenho econômico das associadas.

Em nome do **Sinduscon-MG**, agradecemos às empresas e entidades pela disposição em participar dos debates e pela contribuição dos profissionais e especialistas que se envolveram neste processo. Essas colaborações foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho e para a aproximação da Indústria da Construção de uma agenda tão importante. Em especial, agradecemos à **Fundação Dom Cabral** na pessoa do **Professor Pedro Lins** pelos ensinamentos transferidos durante a fase de elaboração da Cartilha, bem como por sua importante contribuição para o *workshop* que tratou do tema.

Esperamos que este material sirva de estímulo para despertar o interesse das empresas associadas pelas melhores práticas **ESG**, ajudando a estabelecer padrões mais rígidos de controle e gestão para todas as partes interessadas, gerando valor em toda a cadeia da construção em Minas Gerais e promovendo um alinhamento dos valores do segmento com seus profissionais e com toda a sociedade.



Renato Michel
Presidente do
Sinduscon-MG

Celso Pimentel
Vice-presidente de
Obras Industriais e
Corporativas do
Sinduscon-MG



Celso Pimentel
Vice-Presidente



3

ESG Introdução e Linha do Tempo

Partindo das primeiras construções no Brasil, na era do descobrimento pelos portugueses, arremeto-me neste momento aos primórdios do grande crescimento do setor industrial no nosso país, nas décadas de 60 e 70 do século passado. Enfrentávamos o período do governo militar que trouxe uma visão estratégica para o nosso país, onde deveria ser fomentado o desenvolvimento do nosso parque fabril e a infraestrutura com a logística rodoferroviária. Foram períodos de obras industriais de grande porte, propiciando o crescimento de várias empresas que foram se especializando nestes perfis de empreendimentos.

As obras de construções industriais sempre zelaram pela excelência em sua gestão, mas a partir desse momento, de plena expansão do setor, ocorreram uma série de mudanças e conceitos de gestão que vem se propagando até os dias de hoje. Nos primórdios dos anos 80, surge a implantação dos primeiros conceitos de **TQC - Total Quality Control**. A metodologia já havia sido difundida a nível mundial desde a Revolução Industrial; entretanto, foi estruturada e normatizada no Brasil a partir dessa época. De uma maneira simplista, foi feita uma conversão da sua aplicabilidade, ou seja, os conceitos desenvolvidos para fabricação de produtos foram adaptados para a prestação de serviços em obras de construção.

O grande diferencial de mercado era garantir a entrega do projeto dentro dos padrões de qualidade preconizado pelo mercado com as normas aplicáveis e métodos de gestão incorporados pelas empresas.

Num segundo momento, já nos anos 90 e primeiro decênio do século XXI, tivemos uma mudança radical quanto a **SMS - Segurança, Meio Ambiente e Saúde**. Iniciou-se com treinamentos e aplicação de estratégias para a prevenção de perdas: humanas, financeiras, materiais e imateriais, tanto da empresa, quanto da comunidade em seu entorno, incluindo a localidade onde a empresa está inserida, criando com isso uma cultura e um ambiente de sustentabilidade. Foram criados vários programas e normas regulamentadoras com o objetivo de aprimorar ainda mais a gestão nestas áreas, por meio de uma busca contínua de excelência operacional, tanto por parte dos clientes, bem como as empresas prestadoras de serviços de construção. Todos estes procedimentos e programas estão incorporados na gestão dos negócios e são valores inegociáveis no nosso ambiente de obras. Inclusive, vários indicadores universais - **KPI - Key Performance Indicator** - foram criados para medir e comparar o desempenho destes quesitos nos empreendimentos e nas empresas.

Partindo da primeira década deste milênio até os dias de hoje, uma das siglas mais utilizadas na dinâmica dos nossos negócios tem sido o **ESG - Environmental, Social and Corporate Governance**. De uma maneira resumida, trata-se da implementação de práticas sociais, comprometimento e preocupação com equidade social, a sustentabilidade do meio ambiente e vitalidade e adequação às melhores práticas de governança. Atrelado a estes conceitos, temos outras duas palavras que viraram retóricas no mercado: o *Compliance* e o

Accountability. Algumas vezes elas se misturam ao conceito de austeridade, principalmente após a operação Lava-Jato que ocorreu no nosso país e envolveu muitas empresas após 2014. O *Compliance* está vinculado à aderência e à conformidade das empresas em relação à legislação e normas dos respectivos órgãos regulamentadores, já o *Accountability* é um conjunto de mecanismos de prestação de contas e está relacionado à responsabilização, fiscalização e controle social. Estes preceitos são parte integrante da governança corporativa que, por sua vez, são bem mais amplos. Ela é o modelo de gestão que uma companhia estabelece para se relacionar internamente com os acionistas e o mercado.

Face ao exposto acima, está claro que o desenvolvimento de negócios de construção, principalmente no segmento industrial, sempre teve várias “ondas” de processos de melhoria da gestão ao longo do tempo. Vejam que temos um tema extremamente atual e abrangente, representado pelo **ESG - Environmental, Social and Corporate Governance**.

Com o objetivo de esclarecer e transmitir um maior conhecimento sobre este assunto, a **CBIC, em parceria com o Sinduscon-MG e Fundação Dom Cabral (FDC)**, traz, através desta cartilha, um detalhamento bastante didático, ilustrando esta realidade dentro do ambiente de negócios de construções industriais. Esperamos que usufruam deste conhecimento nesta leitura pois, num futuro bem próximo, as entidades que não se preocuparem em aderir a estas práticas sofrerão um processo natural de seletividade do mercado.

4



A importância do ESG para o Mundo e para a Indústria da construção

"Who Cares Wins" (quem se preocupa ganha), com esta máxima, Kofi Annan, então secretário-geral da ONU, (em conjunto com o Banco Mundial e o IFC), escreveu a 50 diretores e CEOs das principais instituições financeiras do mundo em 2004, de forma estratégica, convidando-os a se comprometer com os princípios do **ESG** para o mercado financeiro. O paper "Who Cares Win" é a base do **ESG**.

O mundo escutou esse termo pela primeira vez e, desde então, um grande movimento de transformação iniciou-se, visando uma evolução das empresas nos seus **pilares ambiental, social e de governança**. Os grandes investidores globais são os protagonistas desse movimento e tornou-se uma necessidade e vantagem competitiva adequar-se a esses padrões.

Uma das primeiras ações geradas pelo **ESG** foi a criação do *PRI (Principles for Responsible Investments)*, isto é, os Princípios do Investimento Responsável. A B3, a bolsa de valores do Brasil, tem sido pioneira nesse processo, sendo a primeira bolsa de país emergente a ser signatária do PRI em 2010. Conforme dados divulgados pela B3, em julho de 2016, mais de 1.500 investidores institucionais de 61 países, representando aproximadamente US\$ 60 trilhões em ativos, eram signatários do PRI. Desses, 60 eram brasileiros, com ativos sob gestão da ordem de R\$ 804 milhões.



Neste sentido, o escritório Machado Meyer, um dos maiores escritórios de advocacia do Brasil foi muito assertivo sobre o tema dizendo que o investimento responsável pode ser feito a partir da destinação de recursos disponíveis no mercado financeiro para empresas que implementam **ESG** em suas atividades e que estão em *compliance* com uma série de recomendações da ONU. O PRI orienta agentes do mercado, como gestores de fundos de investimento e firmas de *private equity* sobre análise de portfólio e processo decisório de alocação de capital.

Os números do mercado financeiro relacionados ao tema **ESG** e sustentabilidade já demonstram sua relevância. Os dados de 2019/2020 da *Bloomberg* mostram que US\$ 347 bilhões, (R\$ 1,8 trilhão) foram injetados em fundos de investimento focados em **ESG**. Além disso, governos, empresas e outros grupos arrecadaram vendendo títulos verdes, sociais e de sustentabilidade US\$ 490 bilhões. Nesse período, mais de 700 novos fundos foram lançados globalmente para capturar o fluxo de capital no segmento **ESG**. 90% das empresas S&P 500 – 500 empresas mais negociadas nas bolsas dos EUA - publicaram relatórios de sustentabilidade em 2019.

Um dos maiores patrocinadores do tema é *Larry Flink, CEO da Black Rock*, maior gestora de investimentos do mundo. Ele salienta a importância de as empresas evoluírem no modelo **ESG** e exige destas uma demonstração de suas responsabilidades por meio de práticas e políticas ambientais, sociais e de governança sólidas.

O **ESG** tornou-se um tema de destaque no ambiente de negócios. O movimento é *Top Down*, ou seja, de cima para baixo, o capital comanda. O volume de signatários do PRI, de produtos no mercado financeiro atrelados ao tema, assim como a importância dada pelos grandes investidores globais, demonstram claramente a importância atual do **ESG** no mundo, entre vários outros fatores. Muitas multinacionais já desenvolvem este conceito em suas cadeias de abastecimento e fornecedores com todos “obrigados” a participar deste movimento, sendo isso, inclusive, uma prática já vigente no Brasil. Como, por exemplo, a nova Lei sobre Deveres de Diligência Corporativa nas Cadeias de Abastecimento / Valor (LkSG), do governo alemão, que entrará em vigor dia 1º de janeiro de 2023.

Esse raciocínio se aplica à indústria da construção civil industrial no mundo e no Brasil. As empresas do setor estão passando por um momento de transição, já começaram ou deverão começar a implantar o modelo **ESG** nos seus negócios. Na maioria das vezes esse primeiro passo é dado por exigência do cliente.

O setor passa a ter mais um padrão de qualidade a ser implantado. Contratar uma consultoria especializada é fundamental neste processo. As boas práticas de **ESG** tornam as empresas mais humanizadas, inclusivas, prósperas e perenes. A indústria da construção civil tem uma grande oportunidade neste modelo de transformar e impactar positivamente o planeta.

Existem muitos desdobramentos deste processo; no **pilar ambiental**, podemos citar a redução do impacto das atividades econômicas na natureza, respeitando sua capacidade de regeneração, o consumo adequado de energia, água, solo, madeira, redução de emissão de gases de efeito estufa, melhora no manejo de resíduos, entre muitos outros. O alcance neste ponto é imenso, por ser a indústria da construção civil uma das grandes consumidoras de recursos naturais.

No **pilar social**, podemos mencionar a melhoria das relações das empresas com a sociedade e as comunidades onde operam, gerando valor para todas as partes interessadas, por meio de geração de riqueza, emprego e renda, de melhores condições de trabalho, redução de riscos de saúde e segurança no trabalho, relações mais próximas e transparentes com as comunidades onde estão inseridas, melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores, desenvolvimento da cadeia de abastecimento / fornecedores e de valor, engajamento dos clientes, ambientes de trabalho mais diversos, inclusivos e que tenham o respeito aos direitos humanos como base. O alcance do setor é muito grande também por ser um dos maiores geradores de emprego no mundo.

No aspecto de **governança**, podemos apontar maior transparência dos processos, melhor eficiência na utilização do capital, maior respeito a todos os *stakeholders*, menor risco de problemas jurídicos, trabalhistas, prevenção a fraudes, adesão aos princípios para o investimento responsável e implantação de política de *Compliance* e *Accountability*.

A **governança** aparece como um pilar fundamental para que as empresas se estruturam adequadamente para a implementação dos demais pilares. Além disso, representa uma oportunidade para alinhamento do propósito da organização com a agenda **ESG**. A Operação Lava Jato evidenciou a falta de maturidade da indústria da construção civil, com baixa vitalidade na sua cultura e governança. O *Compliance* e o *Accountability* são trabalhados neste pilar e são uma oportunidade para que o setor amadureça e mostre que tem credibilidade.

Segundo dados divulgados pela CNI/FSB, 94% dos executivos enxergam oportunidades nas ações de **ESG** / sustentabilidade, mas 72% admitem que estão pouco ou nada familiarizados com a sigla **ESG**, 71% acreditam que o Estado deve controlar e estimular as empresas para que elas sigam regras ambientalmente sustentáveis, e 73% ampliarão os investimentos em **ESG** / sustentabilidade nos próximos dois anos.

O modelo ESG ainda é jovem



e enfrenta barreiras ao seu desenvolvimento e implantação, como a transparência, insuficiência de recursos, veracidade de dados e *greenwashing* (isto é, quando a empresa diz ser sustentável, mas as atitudes e operações são contrárias). O importante é que o conceito evolui rapidamente, assim como a constatação da geração de valores concretos e a consciência sobre a sua relevância e urgência.

5

Os Benefícios das Práticas ESG nas Organizações

5.1 A questão racional e moral

Estamos em pleno século 21, meados do ano de 2022, com a esperança de estarmos testemunhando o fim da grande guerra das últimas gerações, a pandemia do Coronavírus, enquanto assistimos à irracionalidade de outra guerra de fato eclodindo no berço da civilização, esses e outros fatores ainda catalisando uma crise econômica global que desafia os modelos de produção, consumo e organização da sociedade. Na era da informação, em que dados são o novo petróleo, o ser humano testa os limites da sua capacidade e ação em um planeta finito, com a visão e consciência das consequências de seus atos. A "conta do almoço" já chegou e será paga compulsória e paulatinamente.

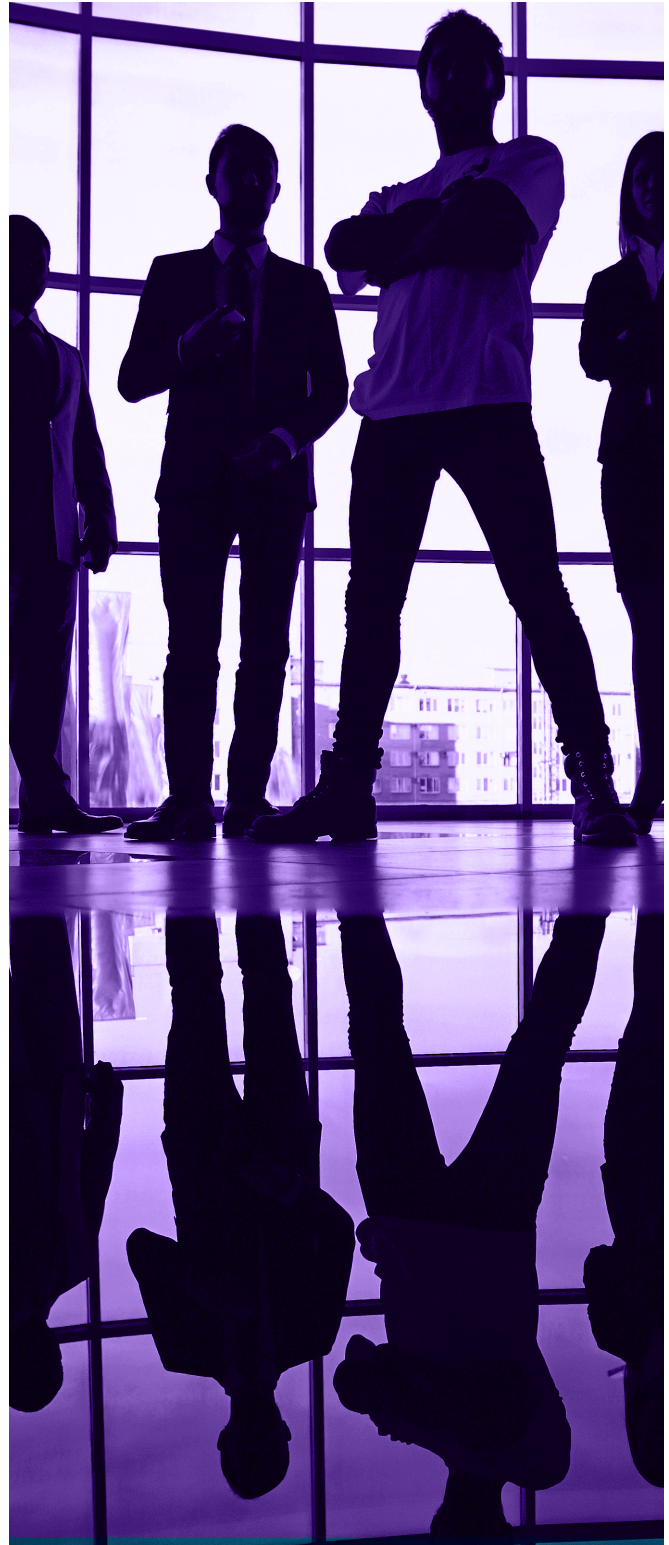
Nesse cenário, não há posição ideológica que possa sustentar uma atuação, individual ou corporativa, de forma indiferente à necessidade de se preservar os recursos naturais que são inexoravelmente escassos. É puramente racional compreender que a perenidade de negócios e padrões de vida dependem da utilização racionalizada e consciente daquilo que os sustentam. Reconhecer tal verdade não é uma questão política, independentemente de crer nas previsões apocalípticas ou nas mais otimistas. Colocando-se de forma isenta e livre de posições, entende-se que qualquer ação deve ser consciente do seu dano e responsável quanto à mitigação ou reparação, porque é o melhor para o bem do próprio autor, além de ser o certo e moral para com o outro e com as futuras gerações.

De forma não muito distinta, podemos enxergar os aspectos **Social, Ambiental, Econômico e de Governança**. É comum, atualmente, no afã de justificar mudanças de comportamento e processos, que se busque logo os benefícios imediatos que vão motivar a transição. Eles de fato existem, devem ser abordados e exaltados, mas antes é necessário olhar para a questão sobre a perspectiva mais fundamental, lógica e ética. A desigualdade de acesso a oportunidades de ensino e trabalho na sociedade é

inegável, e as organizações / empresas oferecem o principal vetor contrário a essa disparidade. Quantos são os casos que o leitor dessa publicação conhece de vencedores, realizadores, que começaram do zero nas companhias que lhes abriram as portas e fizeram carreiras de sucesso, alcançando um desenvolvimento pessoal e profissional que jamais haviam sonhado? Isso deve ser ainda mais relevante no mercado da construção, do que na média geral. E, mais ainda, o quanto essas pessoas elevaram e transformaram a atuação das suas empresas, gerando e distribuindo riqueza? O que seria das organizações sem essas pessoas, que com uma simples oportunidade, transpassaram montanhas para construir o seu legado?

Portanto, não é racional negar que o desenvolvimento das pessoas é o desenvolvimento e o crescimento da companhia e que esses movimentos serão proporcionais, hipoteticamente isolando a influência de outros fatores. Mas, uma atuação socialmente consciente, que gera oportunidades para quem não tem e oferece uma alavanca de engrandecimento para quem quer e precisa, além de benéfica para a organização, é também moral e justa para com a sociedade. Resta apenas dizer que essa prática não é possível sem ter como plataforma uma política de governança sólida, bem estruturada e transparente.

Por fim, há de haver aqueles que poderão argumentar, presos às crenças limitantes de que nada do que foi dito até aqui é possível sem a majoração de custos e perda de competitividade. Pois bem, é nesse ponto que a disrupção acontece e que modelos de negócios começam a ficar obsoletos. Como brilhantemente demonstrado por *Porter e Kramer, para a Harvard Business Review*, ainda em 2011, através do princípio de criação de valor compartilhado é que as companhias geram valor econômico simultaneamente criando valor para a sociedade. Trata-se de um alinhamento de interesses dos *stakeholders*, o que exige um olhar ponderado para dentro, o questionamento de fundamentos e do posicionamento da empresa, o envolvimento do estratégico e um esforço gerencial considerável. No entanto, é a chave para a ruptura e a transição para uma nova era, a do Capitalismo de *Stakeholders (Capitalismo Consciente)*, que traz para o centro das decisões as demais partes interessadas além apenas do acionista. Percorrer esse caminho realmente vai demandar um dispêndio relevante de capital intelectual e a determinação para inovar. Pois, pensar em **ESG** é ir além da mesmice e mais do que nunca, é preponderante para a sobrevivência das organizações, numa nova economia.



5.2 Benefícios Econômicos Diretos

Uma vez estabelecidas as questões fundamentais, de ordem macro racional e moral, podemos analisar o que é esperado pelas organizações no aspecto econômico a curto prazo, de forma mais direta. O foco agora é naquilo que inicialmente mais chama a atenção, atraindo ou afugentando da agenda **ESG**, a depender da mentalidade e do entendimento dos gestores. Pois, no exercício de um a dois anos, adotar práticas de **ESG**, sustentabilidade, responsabilidade social e governança, trará ganho econômico para o negócio? Não é possível afirmar de forma absoluta, dada a grande variedade de contextos de curto prazo, mas a resposta é sim, para a grande maioria dos casos, entenderemos o porquê.

Inicialmente, é preciso reconhecer que a simples busca por redução de consumo de recursos, combustíveis, energia ou matérias-primas, pela razão natural de redução de custos que qualquer companhia procura, é também uma prática de **ESG** e sustentabilidade. Tão simples e óbvio quanto isso, é reconhecer e enfatizar esse primeiro passo, por mais orgânico que já aconteça, é mais um incentivo na busca por eficiência, que trará alinhamento de valores e alimentará a cultura *Clean*, reduzindo a pegada ambiental enquanto incrementa competitividade.

Avançando um pouco mais sobre o aspecto de consumo, redução de custo e eficiência, entende-se, naturalmente, que mantidos os meios de produção, há um limite ótimo entre produtividade e consumo, pois uma vez atingido, os possíveis ganhos estarão encerrados na estrutura estabelecida.

Porém, os avanços tecnológicos e a inovação no chão de fábrica, a cada dia mais acelerada, vêm quebrando paradigmas e sugerindo ou até estabelecendo novos métodos e cadeias de produção como vigentes, enquanto aposentam antigas práticas. Um exemplo é a forma como a energia de fonte eólica e solar vêm se tornando mais barata, ao ponto de hoje ser vendida no mercado livre por preço inferior ao do mercado regulado. Outro exemplo é verificado nas práticas de coprocessamento, a destinação correta e a reciclagem de resíduos sólidos, que vêm ganhando as indústrias ao reduzir custos e impacto ambiental. Portanto, é possível que o próximo passo evolutivo de determinado meio de produção ainda seja inviável, mas por quanto tempo? Posicionar-se para aproveitar a mudança no momento certo pode ser o caminho para obter vantagem competitiva, ou até questão de sobrevivência a depender da velocidade com que a disrupção irá acontecer. Para citar mais uma situação por exemplo, apesar de desafios ainda a serem vencidos na cadeia de suprimentos e infraestrutura, alguns equipamentos elétricos, mesmo com valor de aquisição bem mais elevados em comparação com as máquinas a combustão, já se mostram mais eficientes em função do menor custo de manutenção e em energia. Para a organização que pensa em competitividade e resultado, preparar-se para essa transição é, no mínimo, prudente.

Quanto ao aspecto social, de fato, os benefícios mais relevantes estão mesmo reservados para o longo prazo e podem não ser tão facilmente mensuráveis. Mas, vale observar o papel da diversidade na inovação,

na criatividade, na produtividade e na eficácia das equipes. Times com maior diversidade de gênero, raça, cultura, geracional, orientação sexual, relatam maior propensão a colaborar e propor novas ideias, estão mais aptos à adoção de ideias externas para ganho de desempenho, e têm maior aceitação de *feedbacks* para melhoria contínua, além de atrair e reter talentos para as empresas que adotam a Diversidade & Inclusão. É o que demonstra, entre outros aspectos, um estudo de 2020 da consultoria Mckinsey, com base em informações de mais de 700 empresas na América Latina.

33

Por fim, ainda podemos citar o efeito de redução de custos que políticas sólidas de governança agregam nas cadeias de suprimentos e de valor, ao garantir isonomia nos processos de compras e contratação, além de evitar desvios e favorecimentos indevidos, atraindo e fidelizando clientes para os negócios.

5.3 Benefícios econômicos indiretos e imensuráveis

Como já observado nesta cartilha, e de forma cada vez mais notória, são vários os caminhos para os ganhos diretos por meio das práticas de **ESG** nas organizações. Porém, há algo de mais sutil e ao mesmo tempo impactante, especialmente a longo prazo, por trás da mudança de comportamento e da cultura que os novos tempos propõem. É algo que não tem uma resposta simples e objetiva, difícil de se explicar ao pensamento puramente cartesiano e consequencial. É o que foi tocado e medido, embora não em toda a sua extensão, por um amplo apanhado de pesquisas que encontraram correlação entre a boa gestão de **ESG** e melhores resultados operacionais, assim como melhor

desempenho em bolsa de valores. Essa é a conclusão de *Whelan, Atz, Van Holt e Clark*, no estudo para a *Rockefeller Asset Management e a NYU Stern*, em que foram analisados mais de 1.000 artigos de pesquisa, de 2015 a 2020, explorando o tema. As razões para a correlação, em que, nesse caso, acreditamos também haver causalidade, é o que será analisado na sequência, e que, de forma mais subjetiva, também já foi refletida e esmiuçada por diversas sumidades no assunto.

A sociedade em sua vasta maioria já se convenceu da necessidade imperiosa de uma agenda contundente em meio ambiente, governança e responsabilidade social, por parte das empresas. Portanto, todos os *stakeholders*, sejam eles colaboradores diretos, fornecedores, investidores ou a comunidade mais próxima, tendem a se relacionar de forma mais saudável e profícua com as companhias que melhor demonstrarem o compromisso com a boa gestão de **ESG**. Claro que, dado contexto atual do altíssimo fluxo de informações e a preocupação com sua veracidade, a coerência da ação com o discurso será detalhadamente checada. Vale a máxima, *não basta ser honesto, é também preciso parecer honesto*. Mas, simplificando as organizações líderes em **ESG**, em comparação com as demais, deverão ter:

- Maior facilidade de atrair e reter talentos, além de contar com colaboradores mais engajados com sua visão e propósito, alinhamento de valores que fomenta o sentimento de dono, a busca pela inovação e o compromisso com os resultados.
- Um hall de fornecedores qualificados com uma maior disposição para fazer negócios, por duas razões bastante óbvias. A primeira é que devido a segurança com a elevada governança nos processos concorrenciais de contratação, eles sabem que não haverá favorecimento e a escolha será puramente técnica e comercial. Em segundo lugar, ancorado também no pilar social está a confiança de que as tratativas serão dignas e que compromissos serão honrados.

- Comunidades afetadas mais abertas ao diálogo e à cooperação, pela certeza de que os impactos ao entorno serão mitigados ou reparados, aliada à percepção de que a empresa colabora efetivamente com o desenvolvimento, a transformação e prosperidade social local, representando oportunidades de crescimento para as pessoas bem como a atração de mais investimentos (geração de riqueza).
- Clientes fidelizados, com uma maior propensão de compra, certos de que os produtos ou serviços da companhia serão obtidos por meio de relações de trabalho adequadas, fornecedores contratados de forma justa e com uma pegada ambiental controlada e mitigada.
- Uma maior atração de investidores para a alocação de seus recursos. Seja pela combinação de todos os fatores acima citados, que favorecem a criação de valor compartilhado e reforçam as perspectivas de melhores resultados operacionais, pelo simples alinhamento de valores, ou pelas duas questões. Isso é o que afirma a EY, ao ouvir 324 líderes sêniores de investimentos, nos 5 continentes.



5.4 Mitigação de riscos e perenidade

Assim como os ganhos indiretos abordados no capítulo anterior, também de difícil percepção e mensuração é o efeito da maturidade em **ESG** na exposição a riscos e na vocação para a perenidade e perpetuidade. Afinal, uma empresa que pouco sofre com os infortúnios dos mercados ou da natureza da sua atividade é apenas sortuda, ou isso é fruto de defesas e de um posicionamento bem estabelecido? Pois, essas defesas estão, em grande parte, diretamente ligadas aos processos bem elaborados e gerenciados de meio ambiente, responsabilidade social, econômica e governança.

A começar pela governança, principal e mais eficaz ferramenta para evitar passivos de ordem fiscal, tributária, reputacional / imagem e até criminal nas diversas interações, que qualquer empresa venha a ter com entes públicos ou privados, agências reguladoras e entidades não governamentais. Mas, além de prevenção direta a fraudes e outros desvios, bons processos e resultados de *compliance* e *accountability* alimentam e ajudam a consolidar uma cultura ética e responsável. É o desenvolvimento de uma consciência sobre assunção de risco que deve permear todos os níveis hierárquicos da empresa ou organização, entregando *accountability* e decisões mais bem embasadas e adequadas à função que foram designadas.

Sobre o pilar social, o que se observa ao longo do tempo é que quanto mais integradas às comunidades onde nossas operações estão inseridas, mais sensíveis e atentas às companhias estarão com relação aos impactos locais, tanto que gerados pelo

negócio, quanto aos fatores externos que venham a afetar as operações. O diálogo aberto e frequente com as pessoas (*stakeholders*), de dentro ou fora da empresa, oferece um importante termômetro que, se for bem utilizado, ajudará substancialmente a ação preventiva de acidentes e qualquer tipo de desvio nas interfaces. É o capitalismo de *stakeholders* ampliando a visão da organização, entregando mais informação relevante para a gestão, com as mais variadas perspectivas entre aqueles que se relacionam num mesmo ecossistema, maior substância para decisões de qualidade, na redução de riscos e aproveitamento de oportunidades.



5.5 Tendência inevitável de mercado

Por tudo o que foi dito ao longo do capítulo é que observamos um movimento tão expressivo de tantas empresas no sentido de evoluir na gestão em **ESG**, motivado por uma sociedade convicta da necessidade, que cobra e irá cobrar cada vez mais por uma posição e ações coerentes. É um movimento mais notório em grandes companhias, onde a agenda e a demanda são mais contundentes e urgentes. Uma das principais evidências é a tradicional carta anual aos CEOs das empresas investidas pela *BlackRock*, um dos maiores fundos de investimento do mundo, assinada pelo presidente do conselho, *Larry Fink*, desde 2012, a sustentabilidade e o capitalismo de *stakeholders* são tema central.

Já na carta do ano de 2022, *Larry Fink* escreveu: ***“O capitalismo de stakeholders não se trata de política. Não é uma agenda social ou ideológica. Não é “justiça social”. É capitalismo, conduzido por relacionamentos mutuamente benéficos entre você e os funcionários, clientes, fornecedores e***

comunidades nos quais sua empresa depende para prosperar. Esse é o poder do capitalismo.”

Mas, se o leitor voltar ao texto dessa cartilha e começar a reler sobre os benefícios das práticas de **ESG**, vai perceber que os caminhos, as necessidades e os frutos não são exclusividade para grandes companhias. Pequenas e médias empresas se beneficiam da mesma maneira, ou até ainda mais, dada maior agilidade que têm na capacidade de demonstrar na implantação. Por fim, a corrente movimentação das grandes corporações dos fundos de investimento e da própria opinião pública, mostra-nos que pensar e caminhar o caminho da sustentabilidade, na acepção dos três pilares, é inevitável e imprescindível para o crescimento, que continua sendo a principal alavanca de mudança social do capitalismo, agora mais do que nunca, crescimento sustentável para todos os interessados.



6

Maturidade das Práticas de ESG e Desempenho Econômico

6.1 Introdução

Em tempos marcados pela pandemia global e pela guerra na Ucrânia, somados a outros movimentos que causam forte agitação e polarização mundialmente, especialmente relacionados aos direitos humanos, conflitos raciais, igualdade de gênero, riscos ambientais, índices de desemprego, dentre outros, existe muita pressão de diversos setores por mudanças estruturais na sociedade. Não se trata de um movimento do país A ou B, todo o planeta está experimentando situações análogas, cada região obviamente dentro de sua realidade.

Trazendo esse debate para o mundo empresarial, é notório que cada vez mais entidades e consumidores exigem das empresas engajamento a esses movimentos, e as práticas de **ESG** tornaram-se a materialização do comprometimento das empresas com uma sociedade mais justa, responsável, transparente, próspera e sustentável. Existem setores e indivíduos comprometidos formalmente em somente adquirir bens e serviços que levem em conta claramente a utilização de **ESG** em suas

práticas e seus produtos, e esse movimento tende a se intensificar nos próximos anos.

Porém, quando alguns empresários são apresentados a esses conceitos e se veem impelidos a adotarem essas práticas, muitos são também confrontados com experiências passadas oriundas de “modismos” ou ainda de “movimentos” aos quais aderiram e nem sempre surtiram os efeitos desejados em termos de sua sustentabilidade real (começando aí pela perenidade / longevidade e lucratividade).

Trocando em miúdos (e usando uma linguagem direta e clara), perguntas que os empresários e empreendedores naturalmente fazem ao serem apresentados ao **ESG** são:

- *“Para que, por que devo investir em ESG?”*
- *“Afiml, o que minha empresa vai ganhar com isso?”*
- *“Isso dá dinheiro?”*
- *“Isso não vai custar muito caro?”*
- *“Não seria mais um “modismo”?”*

Mas, na verdade, deveriam estar preocupados com questões como:

- *“O que nossos concorrentes estão fazendo em relação às oportunidades de ESG?”*
- *“Quais questões ESG os investidores consideram mais relevantes para o setor?”*
- *“Os Líderes e o conselho são informados sobre as tendências, as oportunidades mais e os riscos ESG relevantes?”*
- *“Os Líderes e o conselho estão preparados e estruturados para supervisionar as oportunidades e os riscos ESG?”*
- *“A Liderança da empresa avaliou as oportunidades e os riscos ESG que a Empresa pode enfrentar em 6, 12, 30 anos?”*

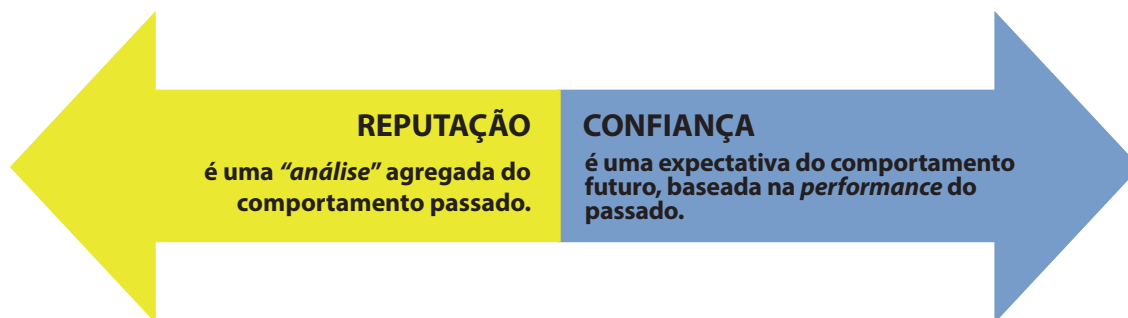
Estas, dentre outras, são dúvidas legítimas e essenciais que precisam ser endereçadas por qualquer empresário ou executivo antes de seguir na implementação de práticas de **ESG** em suas empresas. Este capítulo se presta a auxiliá-los nessa reflexão, a partir de dados oriundos de pesquisas em níveis global, nacional e específico do setor da construção no Brasil, assim como sugerir caminhos para que a implementação do **ESG** em sua empresa seja de forma segura, estruturada e sustentável, trazendo resultados positivos junto com sua adoção e implementação.

Segundo o Professor e Consultor *Pedro Lins*, *“ESG é um processo de tomada de decisão. Se a EMPRESA será ou não ESG?”*. Aqui a grande questão é: *“Quem tomará esta decisão na nossa empresa?”*. As nossas empresas precisam de lideranças que assumam seus papéis frente ao **ESG** e sejam responsáveis pela implantação, consolidação e gestão do **ESG**. *“Qual o papel da liderança da nossa empresa na consolidação do ESG na Cultura Corporativa?”*

É necessário refletir sobre o reposicionamento do *mindset* dos líderes do presente e do futuro da nossa empresa, diante das Tendências Inevitáveis do Mercado. A consolidação do **ESG** no Propósito e na Cultura Corporativa é papel e responsabilidade do líder do presente e do futuro nesse cenário: O Novo Diferente. Esse é um papel que a liderança da nossa empresa não pode delegar a terceiros.

Refleta sobre isto: *“O nosso diferencial competitivo se dará na Imagem / Reputação e na Confiança”*. O mercado irá nos analisar pelo nosso comportamento passado, para ter ou não confiança na nossa empresa no futuro, baseado na nossa performance do passado.

IMAGEM / REPUTAÇÃO E CONFIANÇA FDC SÃO INTER-RELACIONAIS, NÃO HIERÁRQUICAS



6.2 ESG e Desempenho Financeiro

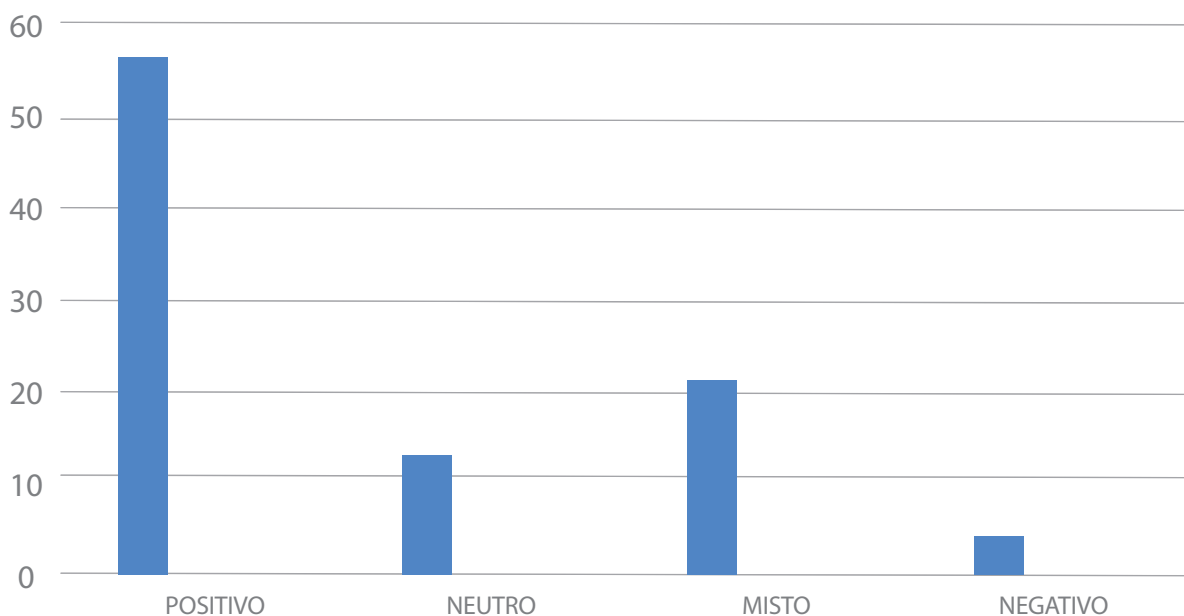
Pesquisa NYU & RAM

Os estudos que examinam a relação entre o **ESG** e o desempenho financeiro têm uma história de décadas. Segundo levantamento realizado pela *NYU (New York University)* em conjunto com a consultoria *RAM (Rockefeller Asset Management)*, quase todos os artigos que abordam essa correlação foram escritos antes de 2015. Essas análises encontraram correlações positivas entre o desempenho do **ESG** e a eficiência operacional (processos), a performance, o desempenho do estoque e o menor custo de capital. No entanto, alguns ainda argumentavam que empresas e investidores deveriam manter sua gestão de desempenho financeiro focado no preço das ações e pelos indicadores de curto prazo, e que o **ESG** é, na melhor das hipóteses, uma distração do negócio real de ganhar dinheiro.

Esse mesmo estudo acima citado procurou examinar a relação entre **ESG** e desempenho financeiro em mais de 1.000 artigos de pesquisa de 2015 a 2020 para uma atualização dessa percepção, e os resultados são extraordinariamente relevantes.

Essa pesquisa encontrou uma relação positiva entre o **ESG** e o desempenho financeiro, para 58% dos estudos focados em métricas operacionais como ROE (Retorno Sobre Patrimônio Líquido), ROA (Retorno Sobre o Ativo) ou preço das ações, sendo que em 13% dos casos mostraram impacto neutro, 21% resultados mistos (o mesmo estudo encontrando resultados positivos, neutros ou negativos) e apenas 8% mostraram relação negativa.

Relação entre ESG e Desempenho Financeiro - Global (%)



O estudo do Prof. Robert Eccles sobre o impacto da sustentabilidade / **ESG** corporativa sobre os processos organizacionais e a performance das empresas, apresenta este resultado de forma clara, demonstrando que a diferença de valor das ações de duas empresas de tamanho similar e da mesma indústria, sendo uma delas uma empresa com alto grau de **ESG** / sustentabilidade na sua estratégia corporativa, versus uma empresa de baixo **ESG** / sustentabilidade durante 18 anos, é de 46,75% . (vide gráfico abaixo)



The Impact of Corporate Sustainability on Organizational Processes and Performance

**Robert G. Eccles
Ioannis Ioannou
George Serafeim**

Working Paper

12-035

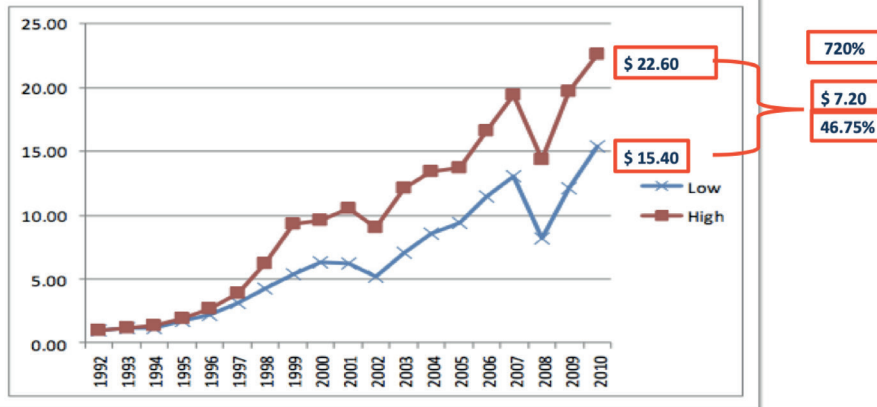
July 29, 2013

Table 1 Summary statistics for two groups

Panel A: Sector composition of the sample

Sector	% of sample
Oil & Gas Producers	4.4%
Oil Equipment, Services & Distribution	3.3%
Chemicals	5.6%
Industrial Metals	1.1%
Mining	1.1%
Construction & Materials	1.1%
Aerospace & Defense	1.1%
General Industrials	4.4%
Electronic & Electrical Equipment	2.2%
Industrial Engineering	3.3%
Industrial Transportation	1.1%
Support Services	1.1%
Automobiles & Parts	3.3%
Beverages	1.1%
Food Producers	4.4%
Household Goods & Home Construction	3.3%
Leisure Goods	3.3%
Personal Goods	2.2%
Health Care Equipment & Services	7.8%
Pharmaceuticals & Biotechnology	4.4%
Retailers	5.6%
Media	3.3%
Travel & Leisure	3.3%
Fixed Line Telecommunications	2.2%
Mobile Telecommunications	1.1%
Electricity	6.7%
Gas, Water & Multi-utilities	3.3%
Software & Computer Services	5.6%
Technology Hardware & Equipment	8.9%
Total	100.0%

Evolution of \$1 invested in the stock market in value-weighted portfolios



¹ https://www.hbs.edu/ris/Publication%20Files/SSRN-id1964011_6791edac-7daa-4603-a220-4a0c6c7a3f7a.pdf

<https://www.amcham.com.br/noticias/sustentabilidade/robert-eccles-empresas-de-alta-sustentabilidade-lucram-mais-e-em-longo-prazo-3071.html>

6.3 Estudos e Pesquisas no Brasil e no Setor da Construção

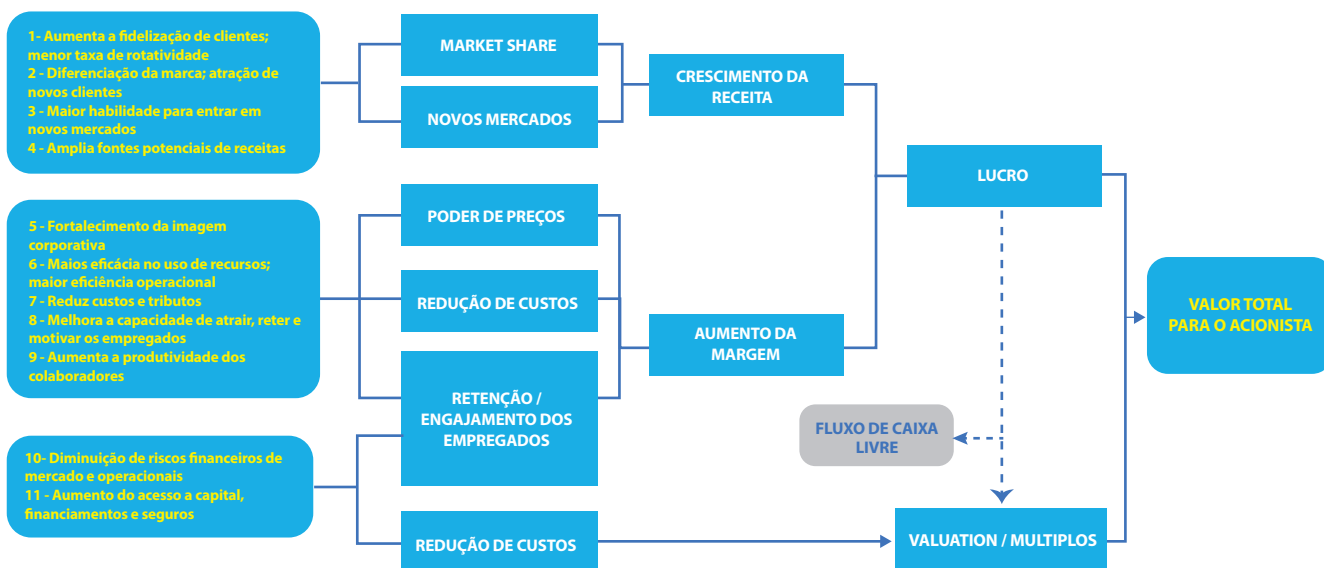
Embora os estudos e as análises, acima mencionados, sejam oriundos de dados de diversos países e aplicados a uma escala global, no Brasil, cada vez mais empresas, entidades e setores da economia se preocupam com o tema, e pesquisas / estudos com diversos conteúdos são amplamente divulgados nas mais diferentes mídias, assim como nos meios empresariais e acadêmicos e, além de servirem como “termômetros” das tendências inevitáveis para os mercados e setores, também servem para um amadurecimento dos setores da sociedade civil e empresarial para as práticas, conceitos, métricas e ações no campo do **ESG** de forma geral.

Segundo afirma Antonio Emílio Freire, em seu recente artigo **“Tornando Explícita a Integração entre Finanças, ESG e Sustentabilidade – Impulsionadores, Elementos e Fundamentos”** (LinkedIn, julho 2022):

“Assim como temos um conjunto uniforme de padrões para medição financeira, estamos próximos de ter um conjunto de padrões para medição das informações financeiras de ESG”.

Ou seja, em breve esta associação terá parâmetros globais e comparáveis.

O “framework” abaixo apresenta potencial abordagem financeira do **ESG** que será de referência para o mercado obedecendo padrões de razoabilidade.

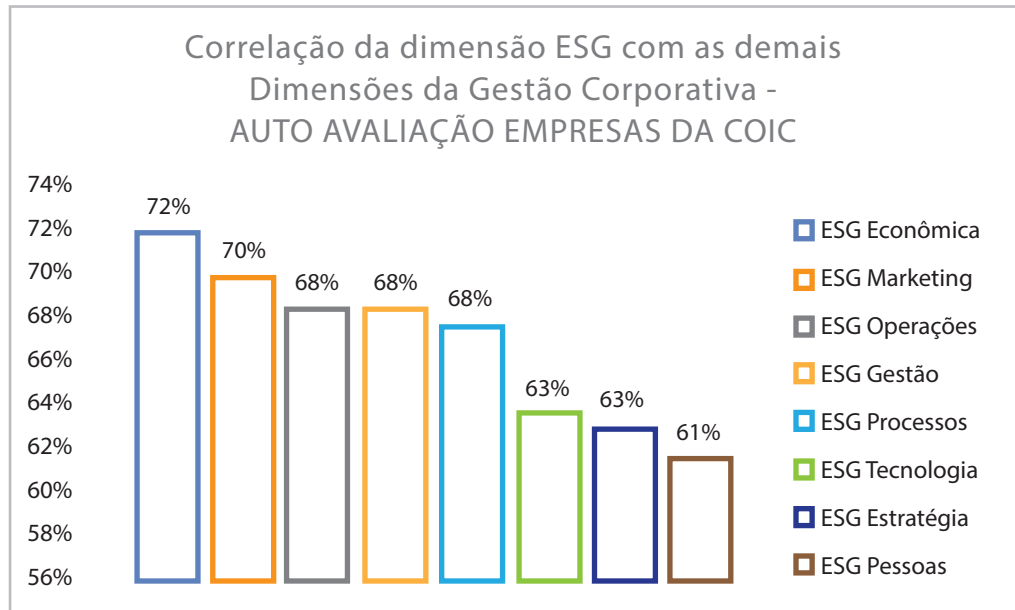


6.4 Pesquisa de Maturidade ARCHIBALD & PRADO (CBIC 2021)

Recentemente, a **CBIC** (Câmara Brasileira da Indústria da Construção) encomendou em sua pesquisa regular de aferição da maturidade das empresas em suas práticas de gestão e de condução dos negócios, uma visão atual da maturidade e da importância que as empresas do setor de construção (em especial as empresas envolvidas no setor de construção industrial) dão ao **ESG** e suas práticas.

A pesquisa citada acima (Archibald & Prado, 2021) demonstra (vide gráfico abaixo) que, segundo a percepção das empresas associadas à **CBIC**, no âmbito das obras industriais e corporativas, a dimensão **ESG** tem uma maior correlação com as variáveis econômicas (72%) do que todas as demais dimensões de correlação. Entenda-se correlação neste caso como a influência (positiva ou negativa) da dimensão **ESG** com as demais áreas de análise.

Desta análise pode-se depreender que para a maioria dos empresários existe uma influência direta entre a aplicação de práticas de **ESG** em seus negócios e a alavancagem de resultados financeiros.



Tendo em vista os resultados acima demonstrados, e uma percepção cada vez mais clara da importância da adoção de práticas de **ESG** como estratégia de PERENIDADE, podemos agora partir para uma discussão mais específica e prática para nossa indústria e em especial o setor de construção no estado de Minas Gerais. Algumas perguntas para nosso debate seriam:

- *O que é possível fazer no curto prazo?*
- *O que planejar para o médio e longo prazo?*
- *Quais são os desafios para a implementação do ESG na minha empresa?*
- *Quão profundo é seu compromisso com o ESG? Qual é a sua real ambição com o ESG?*

Além de responder a essas perguntas, faz-se também necessário entendermos a necessidade da clareza e transparência de informações, dados / relatórios e demonstrativos de nossas empresas e sua importância na sociedade atual.

6.5 O que é possível fazer no curto prazo?

Hoje em dia, passar a trabalhar segundo os princípios ESG é uma preocupação tanto de pequenas e médias empresas quanto das grandes corporações. É possível e necessário trabalhar segundo princípios e práticas de **ESG** em todos os portes e tipos de empresa.

Segundo o CEO da Consultoria Ideia Sustentável, Ricardo Voltolini, "As boas práticas estão ao alcance de qualquer negócio e nem sempre significam aumento de gastos". Também é importante que se tenha clareza de que aplicar **ESG** pode (comprovadamente) trazer inúmeros benefícios para sua empresa, dentre eles:

- *Ajudar a reduzir gastos;*
- *Atrair investidores e investimentos;*
- *Melhorar a imagem e reputação do seu negócio;*
- *Atrair e reter talentos;*
- *Atrair e fidelizar novos clientes.*

Porém, muitos têm dúvidas sobre como começar. Frases que fazem sentido para esta reflexão: *"Pense grande, mas comece pequeno"*, ou ainda *"Comece sempre pelo início"*.



O que se pode fazer para começar uma abordagem ESG em uma empresa?

1) Procure se informar sobre ESG e como está sua Empresa

Ao ler esta cartilha, provavelmente um primeiro importante passo já está sendo dado para a aplicação do **ESG** em sua empresa. Aqui pretende-se informar e dar algumas dicas básicas e práticas para que se possa começar a **"pensar ESG"** dentro da empresa.

Como um primeiro passo (que podemos sugerir para qualquer empresa que aspira praticar e vender práticas de **ESG**) é importante saber como estamos nas práticas mais básicas dos aspectos ambientais, sociais e de governança em nossa empresa. **Por exemplo, sabemos quanto a empresa gasta de água e luz a cada mês? Nas atividades em obra, a empresa sabe quanto de material está sendo desperdiçado? Sabemos que tipo de treinamentos os colaboradores precisam ou desejam ter? Sabemos quais as regras fiscais e tributárias que a empresa precisa seguir?**

Pode parecer distante, mas muitas empresas sequer sabem que causam impacto com suas atitudes mais cotidianas. Por vezes, costumamos associar os danos ambientais a situações tais como poluição, desmatamento, sem levar em conta, por exemplo, o quanto o consumo de recursos naturais pode ser um fator de impacto. E, mais do que isso, que nós e nossas empresas contribuímos (positiva ou negativamente) para esses danos.

Sempre que o empresário pensar apenas pelo aspecto da diminuição dos gastos / custos, não conseguirá entender onde pode atuar para melhorar sua eficiência.

Desta forma, uma boa maneira de dar um primeiro passo será o de mapear, registrar e compreender que as oportunidades de investir em **ESG** contribuem para a performance e os resultados financeiros superiores da sua empresa, ao mesmo tempo em que cria um ambiente de trabalho saudável, sustentável e em conformidade legal, em vez de apenas focar onde e como a empresa pode reduzir seus gastos / custos.

2) Estágios do ESG nas Empresas

Sugerimos como leitura complementar, o artigo do professor e consultor **Pedro Lins**, sobre os Estágios do **ESG** nas Empresas. A ideia da avaliação do Estágio de **ESG** na organização é fornecer uma perspectiva que permita determinar onde sua empresa se encaixa no cenário atual, e fornece orientação para que você trace seu curso futuro na evolução dos estágios de **ESG**, analisados nas 7 dimensões propostas no estudo.

No artigo, Lins comenta que os líderes empresariais no mundo todo estão fazendo do **ESG** uma prioridade para suas empresas. Por exemplo, alguns estão atualizando políticas e revisando projetos, programas e ações relacionadas ao **ESG**; outros estão formando comitês de **ESG**, medindo seu desempenho ambiental, social, cultural / governança, espiritual e político, além de produzirem relatórios de impacto.

Milhões de empresas no mundo todo estão se esforçando para alinhar as dimensões do **ESG** à estratégia de seus negócios. Várias organizações pioneiras estão orientando seus produtos e serviços para mercados focados em **ESG**, visando gerar riqueza, transformação e prosperidade social e ambiental, perenizar de seus negócios, e fazer ainda mais a diferença, para termos um mundo melhor.

No entanto, nem todas as iniciativas de **ESG** são adequadas para todas as empresas/organizações. Assim, temos duas questões que os líderes devem considerar:

- *Como saber em qual dimensão do ESG devemos atuar, assumindo que a empresa já está mergulhada em muitas iniciativas?*
- *Qual é o conjunto ideal de iniciativas de ESG relevante para a empresa e para seus stakeholders?*

* Este artigo foi customizado com base no estudo do Estágio da Cidadania Corporativa elaborado pelo Centro de Cidadania Corporativa do *Boston College*, e no texto Abordagens para a sustentabilidade nas organizações Volume 1, do caderno de ideias elaborado por Cláudio Boechat e Lucas Amaral Lauriano, do Centro de Desenvolvimento da Sustentabilidade na Construção, do Núcleo Petrobras de Sustentabilidade da Fundação Dom Cabral.

A organização deve avaliar, dentre outros pontos, as suas ambições e suas ações aspiracionais apropriadas e eficazes que levam em consideração: a transparência, *compliance*, governança, desenvolvimento econômico da comunidade onde está inserida, equilíbrio trabalho-família, sustentabilidade ambiental, equidade social, a proteção dos direitos humanos, a atração e retenção de talentos, a diversidade, inclusão, a espiritualidade, as relações éticas com investidores, os governos, o mercado, e a sua felicidade interna bruta (FIB/GNH).

Toda organização deve perguntar se existe conexão entre: *(I) a gestão de oportunidade e risco; (II) a marca/imagem corporativa e o envolvimento de partes interessadas; (III) o engajamento de fornecedores na sua cadeia de valor e o marketing relacionado a causas; (IV) o impacto da operação de seu negócio na economia circular e a equidade, diversidade e inclusão; (V) e a felicidade interna bruta e outros temas relacionados ao ESG.*

Nesse caso das empresas mais avançadas em **ESG**, normalmente, o acionista, o CEO ou o C-Level lideram a posição da organização em questões sociais, ambientais, culturais / governança, econômicas, espirituais e políticas. São eles que mantêm o conselho da organização informado e atualizado. Para avançar suas operações, é comum essas empresas conectarem o **ESG** às suas estratégias de negócios, e aos colaboradores por meio de campanhas, projetos, programas e ações com objetivos e metas para suas lideranças e colaboradores.

Assim existem três modelos de organizações:

- 1) Aquelas que não querem atuar com ESG;*
- 2) Aquelas que integraram fortemente projetos, programas e/ou ações de ESG, e estabelecem novos padrões de desempenho no tema e conhecimentos;*
- 3) Aquelas em estágios de transição cujos conhecimentos, atitudes, estruturas e práticas representam diferentes graus de compreensão, atuação e sofisticação em ESG.*

Descobrir e reconhecer o estágio de **ESG** que a organização está operando, e entender que os desafios criados pelo avanço do **ESG** ajudará a esclarecer para os líderes a perspectiva de onde as coisas estão, a estruturar escolhas estratégicas sobre para onde ir, a ajudar na definição de *benchmarks*, objetivos e metas e, com certeza, a acelerar o avanço do **ESG** na organização.

O interessante da abordagem é poder identificar em qual estágio a empresa se encontra, avaliando os principais desafios, as principais barreiras e características da sua atitude voltada ao **ESG**.

O artigo apresenta os estágios do **ESG** nas empresas, e assinala as sete dimensões que compõem o **ESG**. Por meio da análise dessas dimensões, podemos determinar em qual estágio a empresa se encontra, por meio da análise que auxiliam a transformar suas atuações com relação aos estágios do **ESG** nas instituições. Como sair do Estágio Elementar para alcançar o Estágio Transformador. (Vide quadro a seguir)



DIMENSÃO	Estágio 1 ELEMENTAR	Estágio 2 ENGAJADO	Estágio 3 INOVADOR	Estágio 4 INTEGRADO	Estágio 5 TRANSFORMADOR
Conceito de ESG/GNH	Empregos, lucros e impostos	Filantropia, proteção ambiental	Gestão de stakeholders	ESG ou Quadriple Bottom Line	Transformar/Mudar o mercado - ESG/GNH
Intenção estratégica	Cumprimento da legislação	Licença para operar	Casos de negócios	Proposta de valor	Criação de mercado ou transformação social - ESG/GNH
Liderança	Expressão verbal, indisponível	Engajado, apoiador	Auxilia os processos de ESG corporativa	Campeã: à frente do ESG	Visionário/Admirado: está a frente do seu tempo
Estrutura	Marginal: direcionada à equipe	Ilhas funcionais	Coordenação entre funções	Alinhamento organizacional	Mainstream: Direcionada ao negócio
Capacidade de resposta	Defensivo	Reativo, políticas	Responsiva, programas	Sistemas, proativas	Definidora
Relacionamento com stakeholders	Unilateral	Iterativo	Influência mútua	Parcerias	Alianças multiorçizacionais
Transparência	Proteção	Relações Públicas	Reporte ao público	Garantia	Total transparência

3) Reserve algum tempo (não muito) para falar e pensar ESG Comece a planejar

Organização, controle e planejamento são hábitos fundamentais para o sucesso de empresas de todos os portes e em todos os setores. Reservar sempre algum tempo para se dedicar a esses temas é uma prática essencial para a sobrevivência das empresas.

É importante compreender que os principais processos e custos da empresa precisam ser revistos para aplicar os princípios **ESG** em seu negócio. Ter uma dedicação de tempo (ainda que pequena nos primeiros movimentos) para pensar em aspectos de **ESG** e planejar suas tarefas cotidianas também são essenciais nos dias de hoje.

Alguns exemplos de reflexões que podem ser úteis (sempre é bom contar com a ajuda de algum profissional especializado para auxiliá-lo nestas tarefas): *Quanto papel nossa empresa utiliza a cada mês? Qual é o destino desse papel depois que é descartado? Qual é a média salarial dos colaboradores? Os salários são iguais para as mesmas funções exercidas por pessoas (diversas) de diferentes sexos, raças, idades? Há colaboradores ganhando muito acima ou muito abaixo dessa média? Isso ajuda ou atrapalha?*

Com este tipo de observação e abordagem, e contando com apoio profissional (o SINDUSCON-MG pretende implementar um programa de apoio sistemático aos seus associados neste sentido), a empresa pode começar a elaborar um planejamento para implantar algumas boas práticas de sustentabilidade corporativa no seu negócio, sendo ideal formalizar (usando por exemplo, uma pequena matriz de materialidade).

4) *Pense em agir em todas as vertentes do ESG*

Na hora de aplicar o **ESG**, é importante considerar todas as vertentes envolvidas nesse conceito, principalmente porque trata-se de uma visão sistêmica e integrada. É importante ter em mente que, em muitos casos, as empresas aplicam (sem, entretanto, registrar ou mesmo sistematizar) conceitos e práticas de **ESG** sem sequer saber que o estão executando, tampouco capitalizando isso a seu favor.

Abaixo, seguem algumas sugestões de ações práticas que podem ser adotadas em qualquer empresa:



Environment (Ambiente):

- Controle do consumo de água, evitando desperdício;
- Controle do consumo de energia elétrica, evitando desperdícios;
- Controle do consumo de papel e matérias-primas evitando desperdícios;
- Separação do lixo para coleta e destinação seletiva (desenvolvimento de economia circular);
- Destinação adequada de resíduos eletrônicos ou tóxicos.



Social:

- Contratação de mão de obra local (desenvolvimento da riqueza, prosperidade e economia local);
- Dar preferência a fornecedores locais;
- Estimular o respeito aos direitos humanos;
- Estimular a diversidade e a inclusão de todos.



Governance (Governança):

- Gestão de oportunidades e riscos de **ESG**;
- Impedir casos de assédio, discriminação e preconceito;
- Estar em conformidade com as regras fiscais e tributárias / transparência fiscal;
- Seguir condutas éticas de anticorrupção;
- Garantir remuneração justa e racional a todos os colaboradores.

5) *Motive seu Time*

Seja o Patrocinador do ESG na sua Empresa

Torne-se o líder visionário / admirado: esteja à frente do seu tempo

Uma atitude importante para os líderes é o de patrocinar a implementação de práticas de **ESG** em suas empresas. Nesse sentido, manter os colaboradores motivados e informados sobre o andamento do processo é uma das atitudes que ajudam a garantir a continuidade dessas práticas sustentáveis.

É essencial que haja algum controle sobre a aplicação das práticas **ESG** planejadas. Monitorar como estão evoluindo essas ações e construir relatórios, informando aos colaboradores e à sociedade ajuda a garantir a continuidade e o sucesso da aplicação do **ESG** nas empresas.

6.6 O que é possível planejar para o médio e longo prazo

Depois de começarmos a aplicar práticas e padrões de **ESG**, o grande desafio passa a ser como manter a chama acesa, e mais do que isso, como e onde evoluir. Muitas perguntas podem surgir a partir daí, tais como:

- *Devemos buscar alguma certificação?*
- *A contratação de profissionais ou consultores é importante?*
- *Como e onde buscar ajuda para consolidar uma abordagem ESG em minha empresa?*

Hoje em dia, existem diversas certificações empresariais e referências internacionais que ajudam empresas e projetos a parametrizarem suas práticas, estabelecerem indicadores e formularem suas políticas e requisitos de **ESG**. Um exemplo são as certificações e os selos ambientais (Leed, Aqua, Edge, Procel, Well, Fitwel, Cradle to Cradle, Sites etc.). Para o caso de avaliação de fundos de investimento sustentáveis, também há referenciais como os do GRESB e do Sitawi, além de tantos outros. Isso tudo, entretanto, vale para momentos mais maduros das empresas e dos projetos.

Conceito fundamental e comum, o ideal é fazer certo desde o início (isso como conceito-chave, alinhado às expectativas normais em empresas de engenharia, projetos e obras). Sendo assim, construir uma política clara, que permeie toda a organização, com anuência da sociedade é essencial. Veja, não precisa ser complicado, apenas é muito importante que seja clara, compreensível e, principalmente, realizável.

Assim, para evolução e pensamento no médio e longo prazo, os aspectos relacionados a conceitos e práticas de **ESG** tem que estar lado a lado com os parâmetros operacionais e financeiros da gestão cotidiana da empresa.

• ***Os objetivos devem estar claros, transparentes e os dados precisam ser comparáveis:***

- Padronização de indicadores para o setor e as outras unidades do negócio;
- O status anterior à implantação do modelo e indicadores de **ESG** em sua empresa deve estar claramente estabelecido;
- Os dados precisam estar organizados, sustentados por políticas claras e desdobrados em camadas inferiores;
- As comparações devem ser feitas em relação ao status anterior da região / negócio; previamente a implementação, e com outros competidores do mesmo setor.

• ***Os Relatórios de ESG se destinam a diversos stakeholders, portanto:***

- Podem ser usados como transparência sobre os impactos da empresa para clientes, sociedade civil, instituições, autoridades etc;
- Destinam-se também a responder a desafios/problemas e pressões da sociedade, autoridades, investidores e demais *stakeholders* ;
- Devem refletir genuinamente os valores e a qualidade da gestão e liderança.

• ***Necessidade de eliminar ruídos de comunicação e compreensão sobre ESG:***

- As políticas devem estar desdobradas, e sua implementação dever ser medida;
- Variáveis e indicadores objetivos devem ser considerados;
- Potenciais controvérsias e debate do contraditório devem ser incorporados;
- Vieses de valor devem ser considerados (avaliações de impactos e consequências para o negócio).

• ***Pesquise o setor e as agências de risco:***

- Análises setoriais e de risco;
- Avaliações e auditorias de *compliance*;
- Monitoramento de riscos estruturado e ativo.

• ***Pesquisas e abordagem futura (oportunidades):***

- Debater temas não cobertos pela abordagem inicial e avaliar as oportunidades para alavancar a **performance** da empresa em longo prazo ;
- Convergências entre **ESG** e análise financeira;
- Identificar oportunidades/fatores de **ESG** podem ter impacto na avaliação de projetos e sua viabilidade.

• **Mantenha informações de progresso e ferramentas de monitoramento disponíveis:**

- ESG: Gestão da qualidade;
- ESG: Identificação de oportunidades;
- ESG: Gestão de oportunidades e riscos.

Uma forma de estruturar um programa de **ESG** relativamente simples nas empresas do setor de construção seria o desenvolvimento de um “*framework*” com a estruturação das áreas de performance e as categorias de medição (com metas e indicadores claramente estabelecidos, e sempre medidos longitudinalmente por meio de relatórios concisos e claros).

O diagrama abaixo dá uma sugestão desta organização:



6.7 Desafios frequentes na implementação de Políticas e Práticas de ESG

Cada mercado, cada setor da economia e cada localização geográfica têm suas particularidades, e certamente os desafios e oportunidades em qualquer circunstância precisam ser analisados e adaptados a essas condições, que têm forte dependência também de fatores sazonais, tais como situação macroeconômica, desafios sociais e situação de mercado ou setor específico.

Todavia, algumas leituras e pesquisas demonstram que existem alguns “lugares comuns” em relação ao que podem ser desafios ou barreiras à implementação de uma cultura de **ESG** dentro das empresas. Segundo Sheila Conrado da Baker Tilly, alguns desafios comuns são o modo de avaliação e mensuração de resultados, assim como estarem atualizados sobre a agenda 2030 de desenvolvimento sustentável composta pelos 17 ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) da ONU. Outro grande desafio, ainda segundo Sheila, é conseguir comunicar para todos os níveis da organização a importância e a oportunidade que o **ESG** proporciona, melhorando a gestão da empresa, suas relações com a sociedade e alavancando os negócios.

Além disso, outros desafios são muito comuns e relatados por estudiosos, observadores e empresários, especialmente nos ambientes das pequenas e médias empresas. No entanto, é importante também ter em mente que existe já um amplo espectro de exemplos demonstrando que muitas destas percepções e receios são, em sua maioria, exagerados e que muitas das resistências e medos são oriundos de uma certa percepção de insegurança de gestores e empresários. Portanto, abaixo listamos alguns destes desafios (procurando reproduzir quais seriam os argumentos) e procuramos sugerir como podem ser abordados e resolvidos:

1. Não podemos investir neste momento - Nem sempre a realização de iniciativas / projetos de **ESG** exige investimentos financeiros da empresa, ainda que haja algum investimento em algumas situações, os benefícios são, em sua maioria, compensadores. Além disso, existe um custo potencial de multas ou penalidades devido a não-conformidades. O custo da conformidade é, na maioria das vezes, menor que o custo e as consequências das penalidades.

2. Estamos sem tempo para implementar isso aqui em nossa Empresa - Existe uma percepção por alguns de que utilizar os princípios **ESG** podem tomar muito tempo. Isso não é verdade. Talvez alguma capacitação, treinamento e desenvolvimento de competências sejam necessários para nossos executivos e colaboradores, porém o **ESG** deve ser tratado como uma rotina dos processos dentro da sua empresa / organização que revelam como ela trata as questões ambientais, sociais e governança; muitas vezes já existem práticas normais e rotineiras, que precisam apenas serem ajustadas para um discurso, e bem registradas ou reportadas.

3. Não temos os recursos, as competências e o conhecimento - Na maior parte das vezes, esses argumentos estão relacionados aos “potenciais custos” para desenvolver competências, conhecimentos e recursos para implementar o **ESG** na empresa. Aqui, contratar um consultor pode ser uma opção viável, ou ainda treinamentos on-line e/ou suporte de entidades de classe (tais como o Sinduscon ou a FIEMG), que muitas vezes provêm de forma gratuita toda a gama de recursos e conhecimento, inclusive com capacitação interna e acompanhamento profissional. Pode-se ainda apontar um colaborador interno para estudar o assunto e ser o “facilitador” interno.

De toda forma, trabalhar na melhoria dos processos internos buscando melhorias na postura da empresa em relação aos fatores ambientais e sociais, somados a mudanças de atitude (provendo uma governança eficaz e transparente) podem ser extremamente benéficas para a empresa e seu futuro, e o maior de todos os desafios para o atingir o estágio transformador em **ESG**, passa pela ambição e desejo genuíno da liderança e da empresa em abraçar os princípios de **ESG** como uma prioridade interna.

6.8 A importância da transparência das informações nos relatos de Impacto / ESG / Sustentabilidade

O conceito de transparência é muito estudado e existem diversas formas de entendimento dos conceitos de transparência em diversas áreas. Estes conceitos são desenvolvidos e explicados em áreas como gestão de negócios, finanças, relacionamentos etc. Portanto, dada a dispersão destas definições, a transparência contém certa imprecisão quanto ao seu conceito.

Para efeito de um entendimento para nosso propósito em relação às práticas de **ESG** e aos relatórios de Impacto / **ESG** / Sustentabilidade que são essenciais para a demonstração do posicionamento das empresas, vamos utilizar uma definição de Marques et al (2019), baseado em um trabalho publicado por *Albu e Flyverbom* em 2019, que conceitua a transparência como tendo duas perspectivas: a verificabilidade e a performatividade:

A verificabilidade diz respeito à capacidade de uma informação divulgada ser medida em quantidade, frequência e relevância. Já a performatividade enxerga a transparência como um processo complexo e repleto de tensões e negociações, daí ser essencial que relatos sejam considerados confiáveis, aceitos socialmente e pela legislação.

Em resumo, fazer algo com transparência significa poder divulgar as informações de sua empresa de forma verdadeira, aceita e legal, e essas informações poderão ser claramente verificadas, medidas e comparadas.

Em muitos lugares do mundo, uma ideia que vem ganhando muita repercussão é a da transparência mandatória, que em resumo significa que um governo ou entidades podem reduzir prejuízos à sociedade e aumentar o bem-estar social se tornarem obrigatório que as empresas revelem riscos e falhas de maneira transparente.

Considerações gerais sobre transparência no Brasil

O Brasil ocupa uma posição ruim em transparência pública e privada quando comparado a outros países. O Fórum Econômico Mundial (WEF) publica anualmente o relatório “Relatório Global de Competitividade” para ajudar as políticas empresariais. Tal relatório apresenta o Índice Global de Competitividade, que classifica a performance de 137 países de acordo com 12 pilares de competitividade. Em 2017-2018, enquanto a Suíça ficou em 1º lugar, o Brasil ficou em 80º.

Ou seja, o Brasil, embora esteja avançando, ainda precisa de melhorar muito nesse quesito, e o mundo empresarial, junto com os governos, são a maior alavanca para esse progresso necessário e mandatório façam com que as instituições consolidem uma posição de competitividade no país, e isso se aplica integralmente ao setor de construção civil, considerado um exemplo clássico das dificuldades brasileiras com as práticas de governança e relatos transparentes.

Quais são os benefícios da transparência nas empresas?

Para quem tem um perfil mais conservador, a gestão transparente pode parecer bastante assustadora, já que pode (em tese) expor a administração e a gestão da empresa. Todavia, hoje é provado que muitas vantagens para o negócio são extraídas de posturas e relatórios transparentes em todos os setores, incluindo aí a postura e o compromisso da empresa com práticas sustentáveis. Algumas destas vantagens e benefícios estão listados abaixo:

Consolidação da cultura organizacional

A relação entre a transparência empresarial e a cultura organizacional é uma via de mão dupla, na qual ambas são beneficiadas. Na medida em que as informações são mais compartilhadas e os colaboradores estão mais envolvidos nas tomadas de decisão, a cultura é fortalecida e as práticas transparentes são mais enraizadas.

Aumento da sensação de pertencimento dos colaboradores

O compartilhamento de informações é uma das premissas da sensação de pertencimento em um grupo, seja ele de qualquer natureza. Quando uma empresa compartilha dados transparentes gera uma sensação de orgulho e assimilação de relevância em colaboradores, clientes e demais atores da cadeia. Sendo assim, os impactos positivos de relatórios transparentes são sentidos em toda a cadeia de valor, com maior atratividade e credibilidade daquela organização para um setor ou cadeia produtiva.

Fortalecimento das percepções positivas no ambiente de negócios

O fortalecimento dos conceitos de “empresa boa para se trabalhar” e “empresa socialmente responsável”, sair do conceito de “melhor empresa do mundo” para “melhor empresa para o mundo”, têm diferentes significados para empresas e setores da economia. Em um setor que passa por inúmeras dificuldades em atrair e reter de talentos, como o setor de construção de forma geral, o desenvolvimento de uma reputação positiva nessa perspectiva pode ser uma ferramenta poderosa de atração e retenção de talentos.

Melhoria da motivação e engajamento

Motivar e engajar os colaboradores é um grande desafio da gestão de pessoas em qualquer tipo de empresa. Porém, esse desafio pode se tornar mais simples na medida em que as pessoas se sentem representadas pela empresa / organização em que trabalham. Saber lidar com as diferenças é algo essencial e motivador.

“

Neste cenário, os profissionais ficam mais dispostos a darem o melhor de si, pois sabem e confiam no que está sendo feito.





7

Os estágios da evolução do ESG

*Oportunidades, Desafios e
Riscos para a Perenização
dos Negócios*

*Apresentado por
José Pedro Barbosa Lins*

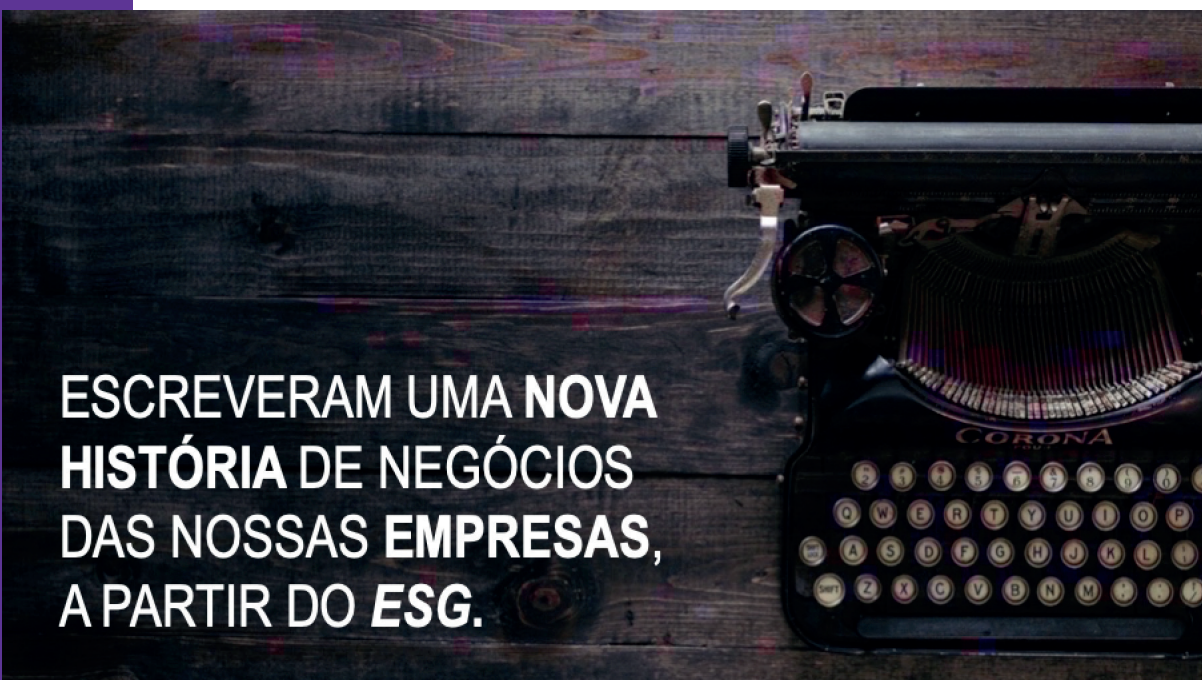


José Pedro Barbosa Lins

pedrolins.associado@fdc.org.br

Consultor, mentor, conselheiro,
professor, palestrante e voluntário,
com vasta experiência e vivência
pelo planeta.

Biologia - PUCC
Marketing - ESPM
ADM - FGV
MPA-MC - Harvard (HKS)
Conselheiro - FDC
SBS - Harvard (HBS)



**ESCREVERAM UMA NOVA
HISTÓRIA DE NEGÓCIOS
DAS NOSSAS EMPRESAS,
A PARTIR DO ESG.**

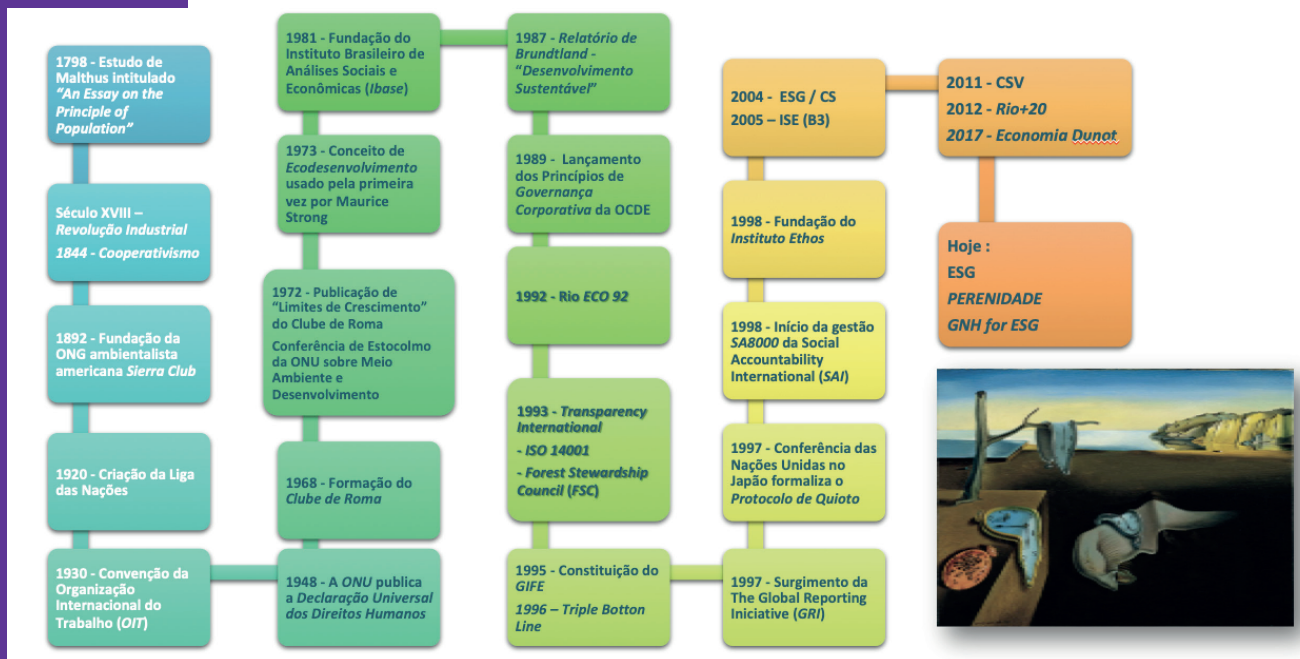
Desafios para a construção da nossa Estratégia de ESG

O “novo” posicionamento da nossa EMPRESA frente às Tendências Inevitáveis do Mercado.

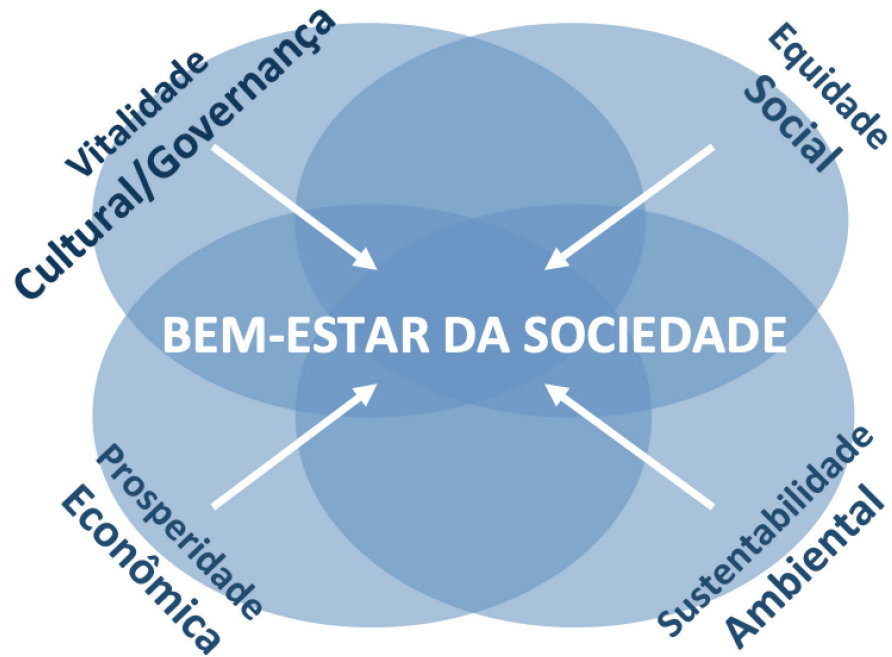
Compreensão do Propósito da nossa EMPRESA em ESG e o nosso Papel como LÍDERES nesse cenário: O Novo Diferente.

ESG é um processo de tomada de decisão.
Se a nossa EMPRESA será ou não ESG?

ESG Linha do Tempo



Os Pilares do ESG

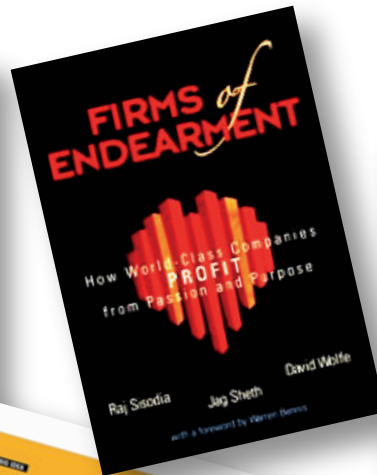
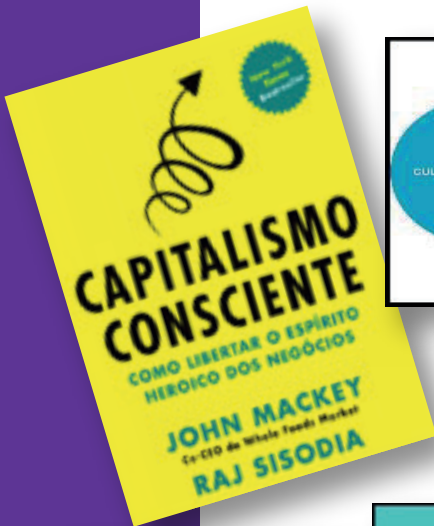


ESG Tendências inevitáveis do mercado



ESG Cenário geral

Transformações





ESG Definição

O termo ESG foi cunhado em 2004, em uma publicação do Banco Mundial em parceria com o Pacto Global da ONU e instituições financeiras de 9 países responsáveis pela administração de mais de USD 20 trilhões, chamada “Who Cares Wins”. A proposta era obter o apoio das instituições financeiras para buscar a melhor forma de integrar os fatores ESG ao mercado de capitais.

A sigla abrevia as palavras Environmental, Social e Corporate Governance; em português, o termo significa boas práticas ambientais, sociais e de governança corporativa.



Reação do Mercado Financeiro

Risco climático é risco de investimento

Finance & economics



Climate Risk Is Investment Risk

As a fiduciary, our responsibility is to help clients navigate this transition. Our investment operations that sustainability- and climate-integrated portfolios can provide better risk-adjusted returns to investors. And with the impact of sustainability on investment returns increasing, we believe that sustainable investing is the strongest foundation for client portfolios going forward.

Itaú, Santander e Bradesco apresentam ao governo plano para conservação da Amazônia

Presidentes dos bancos privados detalharam as propostas em videoconferência com o vice-presidente da República Hamilton Mourão



JP Morgan Announces US\$200 Billion in Sustainable Financing

by Filip Wroblewski on March 4, 2020

CVM e B3 estudam intensificar critérios ESG para as companhias listadas

Propostas da CVM e B3 preveem maior atenção aos temas ambientais, sociais e de governança nas empresas de capital aberto na B3 brasileira.

Campos Neto: BC se compromete com ESG e vai

In Opposing Climate and Diversity Proposals, Buffett Risks Looking Out of Step

"We are not going to shy away from holding Berkshire accountable just because it's run by Warren Buffett," said Simiso Nzima, the head of corporate governance at Calpers, the giant California public pension fund that co-sponsored a climate disclosure proposal.

Damodaran detona o ESG. Erro de valuation?



"Nunca vi um conceito com tão pouco por trás ser adotado por tantas pessoas e de forma tão entusiástica," disse ele durante um evento do MCI Global, para discutir seu livro, "The Dark Side of Valuation."

Na entrevista, o professor da Stern School of Business, da NYU, comparou os esforços ESG das empresas a uma tentativa de se tornarem 'igrejas'.

Pior: em vez de apostar num engajamento coletivo e espontâneo para subordinar o mundo corporativo aos princípios do ESG, Damodaran acha que o ESG deveria vir por legislação.

"É função dos políticos passar leis que previnam o custo social, mas os políticos são muito preguiçosos ou incapazes, então — advinha? — eles falam para as companhias serem voluntariamente boas. Nada de bom vai sair disso..."

Será que nada? Ninguém acha que o mundo ESG seja perfeito ou

BlackRock, a maior gestora de recursos de terceiros do mundo – US\$ 9 trilhões.

Sem um senso de propósito, nenhuma empresa, pública, privada ou social pode atingir todo o seu potencial. Em última análise, perderá a licença para operar das principais partes interessadas/stakeholders.

Cartas Larry Fink

- * 2012-2015: Boa Governança
- * 2016-2017: Stakeholders
- * 2018-2019: Propósito e Liderança
- * 2020: Sustentabilidade
- * 2021: Economia neutra em carbono



Benefícios de ESG: A Performance das Empresas Visão Global



Fonte: Apresentação Prof. Carlos Braga

Visão Brasil

O Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) foi criado em 2005 pela B3 como uma ferramenta para medir e incentivar a postura sustentável por parte das companhias, bem como ressaltar as empresas alinhadas a essa ideia e tornar mais atrativo o investimento nesse campo



Os critérios que avaliam os setores ambiental, social, econômico e governança, são divididos em quatro conjuntos:

- 1 - Políticas (indicadores de comprometimento);
- 2 - Gestão (indicadores de programas, metas e monitoramento);
- 3 - Desempenho;
- 4 - Cumprimento legal.

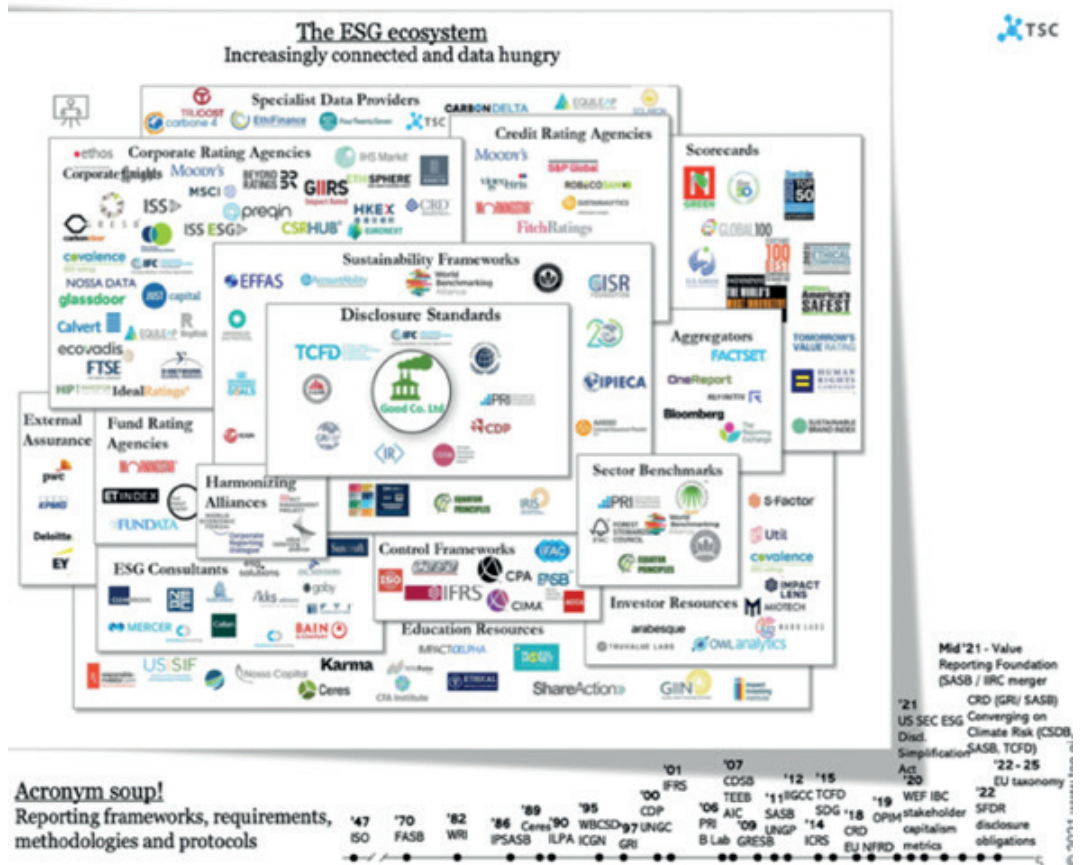
15ª carteira do Índice de Sustentabilidade Empresarial - ISE B3 2020

AES Tie	BRF	Duratex	Fleury	Lojas Americanas	Petrobras Distribuidora
B2W	CCR	Ecorodovias	Itaú Unibanco	Lojas Renner	Santander
Banco do Brasil	Cemig	EDP	Itaúsa	Movida	Telefônica
Bradesco	Cielo	Eletrobrás	Klabin	MRV	TIM
Braskem	Copel	Engie	Light	Natura	Weg

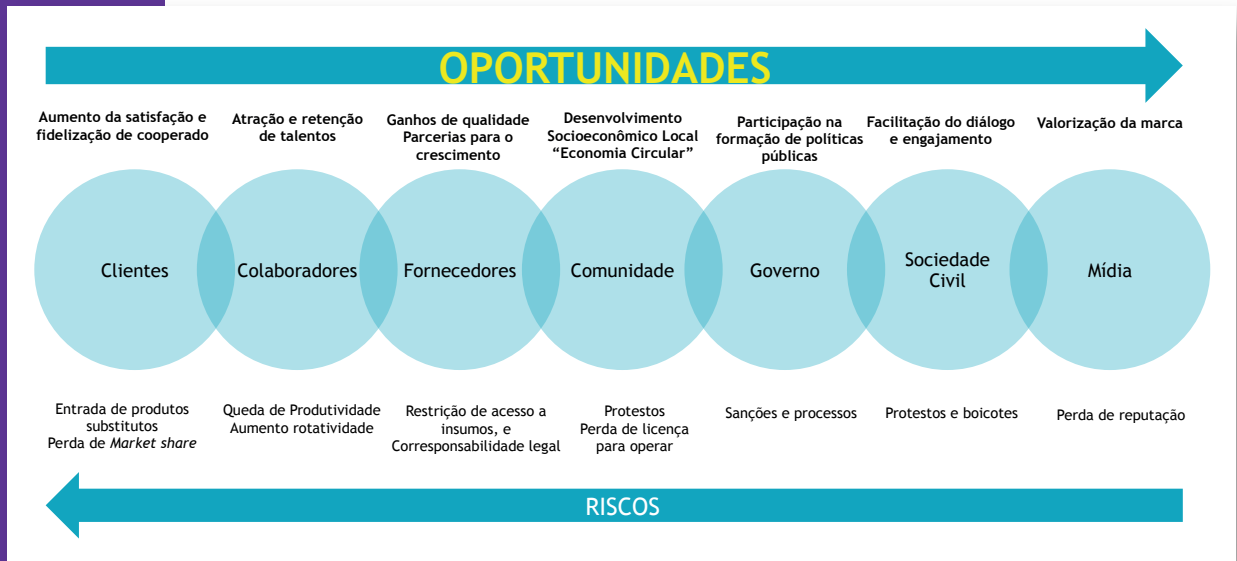
O desafio da alfabetização em ESG

A alfabetização em ESG em toda a organização é um objetivo comum do líder ESG.

No entanto, a proliferação e a falta de alinhamento entre mais de 2.000 estruturas de relatórios, requisitos, metodologias e protocolos, com mais de 1.424 potenciais indicadores de desempenho ESG é uma clara frustração.



Gerenciamento Oportunidades x Riscos

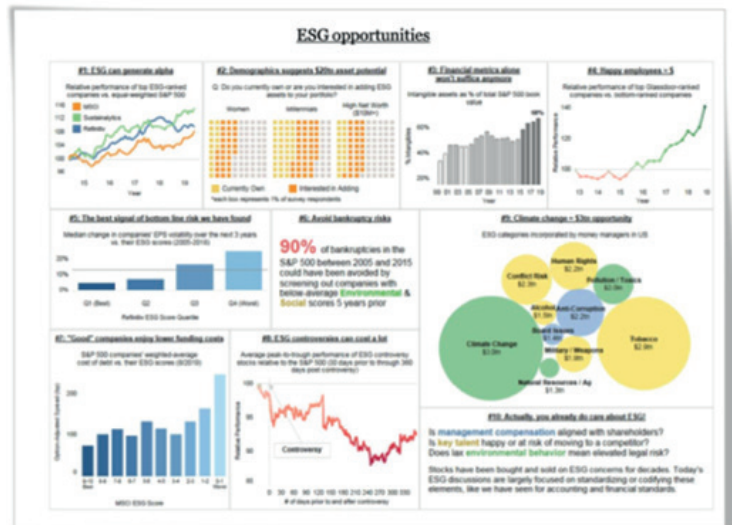


Fonte: Prof. Maria Eugenia Buosi – Revista RI 2020

ESG como um conjunto de oportunidades

Os líderes do ESG descobriram que explicar o ESG internamente como um **conjunto de OPORTUNIDADES (forças positivas, em vez de mera mitigação de risco)** era benéfico. As **OPORTUNIDADES/ forças incluem:**

- Fundos de investidores
- Percepção e preferência do consumidor
- Atração, retenção e motivação de Colaboradores
- Requisito governamental
- Melhores práticas de negócios
- Redução de Risco: Governança (litígio, volatilidade, compliance, transparência...)



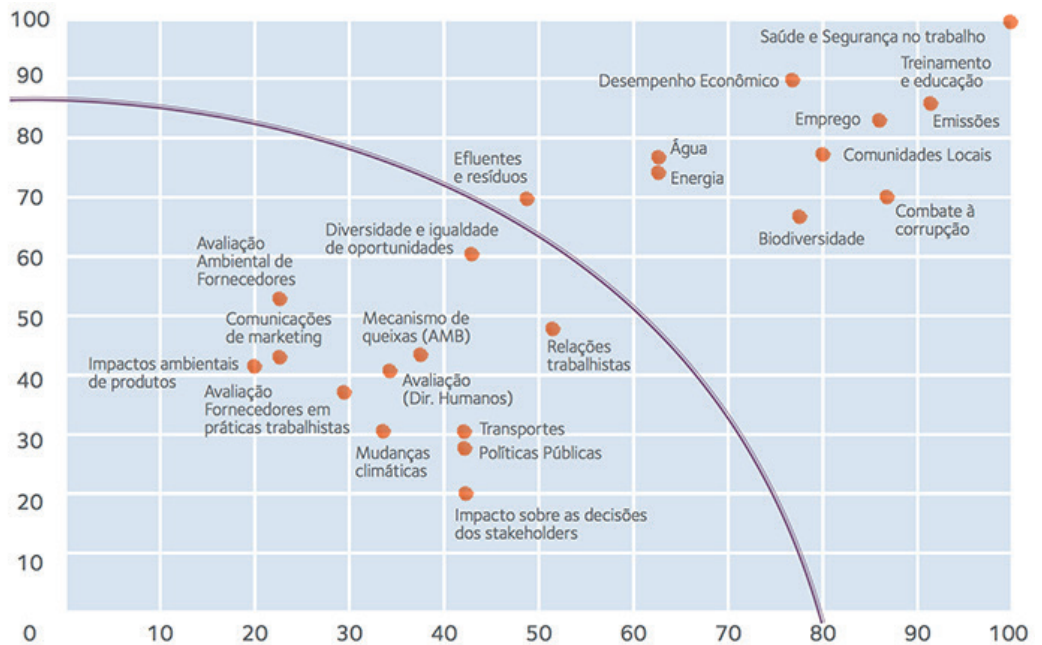
Source: BofA Merrill Lynch US Equity & Quant Strategy, MSCI ESG Research LLC, Sustainalytics, Refinitiv, FactSet, ThinkNum, US SF, 2018 U.S. Trust Wealth and Worth Survey

INDÚSTRIA DE CONSTRUÇÃO

Visão sistêmica para entender as novas oportunidades de geração de riqueza/valor, transformação e prosperidade social, bem como para antecipar e mitigar riscos.



ESG Materialidade & Maturidade



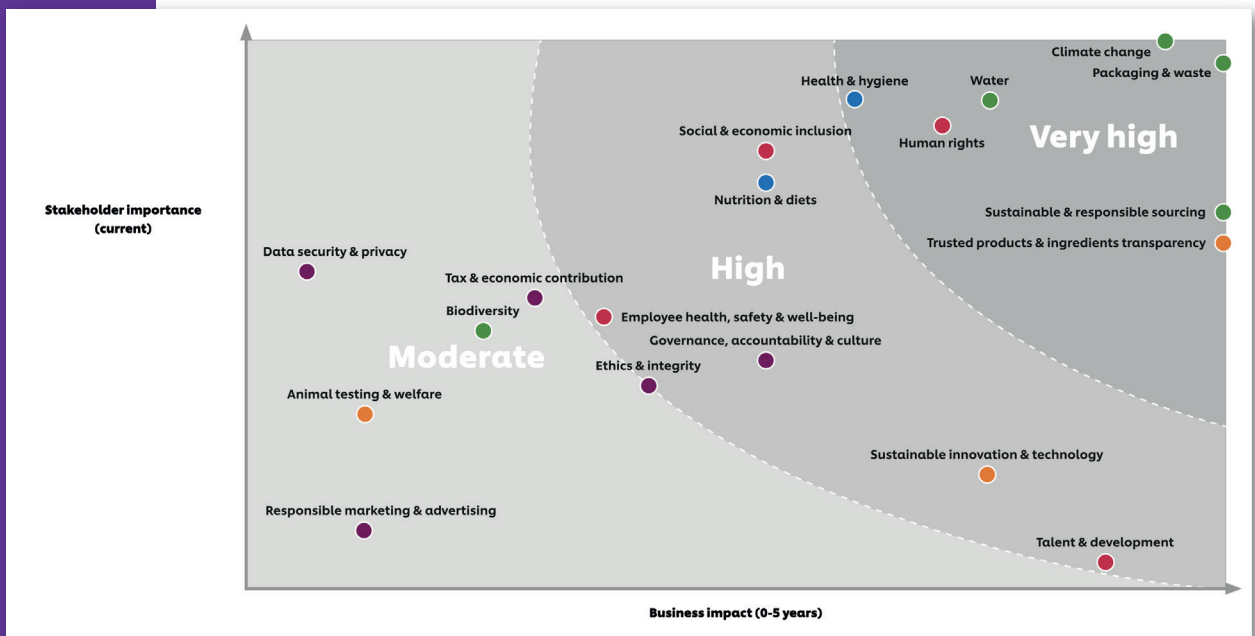
ESG Materialidade & Maturidade



Materiality Matrix 2019/2020 – Issues and Topics



A total of 169 topics have been identified and grouped into 19 issues. The tables on the following pages list the 19 issues that form Our Materiality Matrix and reflect how we have prioritised them. We have classified these issues into five Focus Areas. Improving Health & Well-being, Reducing Environmental Impact and Enhancing Livelihoods encompass the three Big Goals of the Unilever Sustainable Living Plan; Responsible Business Practices and Wider Sustainability Issues include issues that are not explicitly part of our Plan, but which are relevant to our commitments as a responsible business. These issues are listed by priority which indicates the importance attached to any given issue according to its impacts on our business and its importance to our stakeholders. Priority does not equate to the extent of action within Unilever to address an issue.



Materialidade, Maturidade de ESG e Desempenho Econômico

Para que e por que devo investir em ESG?

Afinal, o que minha empresa vai ganhar com isso?"

"Isso dá dinheiro?"

"Isso não vai custar muito caro?"

"Não seria mais um "modismo"?"

Mas, na verdade, deveriam estar preocupados com questões como:

"O que nossos concorrentes estão fazendo em relação às oportunidades de ESG?"

"Quais questões ESG os investidores consideram mais relevantes para o setor?"

"Os Líderes e o conselho estão preparados e estruturados para supervisionar as oportunidades e os riscos ESG?"

"A Liderança da empresa avaliou as oportunidades e os riscos ESG que a Empresa pode enfrentar em 6, 12, 30 anos?"

O que é possível fazer no curto prazo?

O que planejar para o médio e longo prazo?

Quais são os desafios para a implementação do ESG na minha empresa?

Quão profundo é seu compromisso com o ESG?

Ajudar a reduzir gastos;

Atrair investidores e investimentos;

Melhorar a imagem e reputação do seu negócio;

Atrair e reter talentos;

Atrair e fidelizar novos clientes.

ESG: A Transformação



O CRESCIMENTO DA GERAÇÃO ÉTICA

Millenials e a Geração Z não querem mais:

TRABALHAR PARA INVESTIR NEM COMPRAR DE EMPRESAS QUE COLOCAM O LUCRO ACIMA DOS VALORES.

Em 2030, eles serão 75% da força de trabalho Global.

83%

Confiam mais em empresas socialmente e ambientalmente responsáveis.

67%

Recomendarão produtos e serviços se a empresa é socialmente e ambientalmente responsável.

89%

Trocarão de marca se a empresa não é associada a uma boa causa.

87%

Comprarão produtos/serviços de empresas baseadas em valores.

76%

Boicotarão uma empresa com falta de valores.

ESG: A Transformação



O que faremos como líderes do presente e do futuro da nossa **EMPRESA** para atrair e reter talentos que a ajudem a crescer através do pilar do ESG?



WALK
"um colaborador crê nos valores da empresa quando os enxerga em seus líderes e não quando os lê em uma parede"
TALK

Você está preparado para esse novo diferente?



Qual é a estratégia de ESG da nossa empresa?



Estágios do ESG



**THE CENTER
FOR CORPORATE
CITIZENSHIP
AT BOSTON COLLEGE**

Mirvis e Googins identificaram cinco estágios de ESG, representando padrões distintos de atividade em diferentes pontos de desenvolvimento da nossa EMPRESA:

- 1) ELEMENTAR**
- 2) ENGAJADO**
- 3) INOVADOR**
- 4) INTEGRADO**
- 5) TRANSFORMADOR**

As etapas são mensuradas em sete dimensões:

- Definição do conceito de ESG
- Propósito (intenção estratégica)
- Apoio à liderança
- Estrutura
- Capacidade de resposta (gestão de questões)
- Relacionamento com stakeholders
- Transparência

As corporações evoluem para estágios superiores com base em quatro gatilhos:

- CREDIBILIDADE da liderança
- CAPACIDADE de apoiar as atividades de ESG
- COERÊNCIA dessas atividades
- COMPROMISSO de incorporar o ESG na cultura corporativa.

Customizado de:

<https://bizfluent.com/about-6684095-france-s-economic-system-.html>

**Leadership
Purpose and Legacy
GNG for ESG
Tshering Tobgay**



**[https://www.youtube.com/
watch?v=HbYXDphNBZk](https://www.youtube.com/watch?v=HbYXDphNBZk)**



Convicção

Consciência

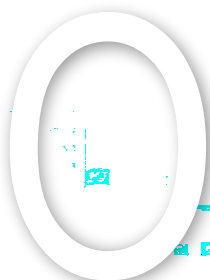
Conhecimento

Conveniência

Constrangimento



8



**na Indústria
da Construção**

Comissão de Obras Industriais e Corporativas

ESG na Indústria da Construção

Apresentado por Marcelo Figueiredo



Marcelo Figueiredo

Engenheiro Civil;

Mestre (MSC) em Administração;

MBA em Gestão de Negócios pelo IBMEC;

Cursos de extensão no MIT (EUA) e IMD (Suíça);

VALE - Diretor de Portifólio de Projetos;

Arcelor Mittal - CTO (Chief Technology & Technical Officer) na Arcelor Mittal Mining Canadá;

Atuação em 6 continentes na implementação de grandes projetos em oito países (Brasil, Oman, Malásia, Indonésia, Austrália, Moçambique, Malawi e Canadá);

Atualmente consultor na área de Desenvolvimento de Negócios Internacionais, Projetos de Capital, Governança e M&A;

Presidente do Conselho de Administração da Progesys Acttio.



Comissão de Obras Industriais e Corporativas ESG na Indústria da Construção

Para começar, vamos combinar algumas coisas:
ESG NÃO É.....

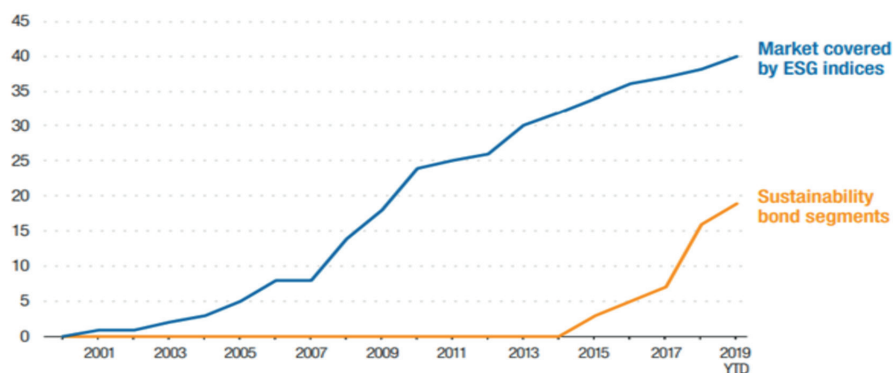
abraçar árvore **NEM** beijar criancinhas



ESG É:

- Metas Concretas e Mensuráveis;
- Parâmetros comparáveis internacionalmente (GRI, ODS's, IIRC, SASB)
- Demonstração de responsabilidade da empresa perante a sociedade nos aspectos ambiental, social e de governança
- Gera valor aos investidores
- Atrai investimentos
- Direcionador de tomadas de decisão

ESG Indices and sustainability bond segments
(number of exchanges)



Fonte: SSE database

Comissão de Obras Industriais e Corporativas ESG na Indústria da Construção

Afinal, por que o ESG é tão importante para a indústria da construção?



VOCÊ SABIA?

A CONSTRUÇÃO CIVIL RESPONDE POR

- 75% do Consumo dos Recursos Naturais Produzidos no Brasil
- 44% da Energia Produzida no Brasil consumida na Cadeia de Valor da Construção Civil
- 40% de todo o resíduo gerado pela atividade humana provém da Cadeira de Valor da Construção Civil
- 1/3 da emissão dos gases de efeito estufa provém das atividades da Construção Civil e/ou sua cadeia de valor (uso intensivo de aço=35% e cimento= 8%)
- O desperdício REAL nas obras chega a incríveis 65%!!!!

*Fontes: CBCS - Conselho Brasileiro de Construção Sustentável,
Plataforma SIENGE 17/09/17 e Tribuna do Norte (Artigo de 24/08/2013)*

Comissão de Obras Industriais e Corporativas ESG na Indústria da Construção

MAIS ALGUNS DADOS

A CONSTRUÇÃO CIVIL RESPONDE POR

- Do material adquirido pelas obras, apenas 20 a 50% é realmente consumido, o restante ou é desperdiçado ou vira sucata.....
- Somente 30% dos resíduos gerados pela construção no Brasil são reciclados
- O restante (cerca de 70%) ou vai para os lixões ou bota-foras (formais e clandestinos)
- Potencialmente até 95% dos resíduos da construção são recicláveis
- O desperdício de água na construção civil chega a 50%

Fontes: CBCS - Conselho Brasileiro de Construção Sustentável, Plataforma SIENGE 17/09/17 e Tribuna do Norte (Artigo de 24/08/2013)

EXISTE MUITO ESPAÇO PARA

- Apenas de 1% a 2% das obras civis no Brasil utilizam conceitos de sustentabilidade
- Mesmo assim, o Brasil já é o 5º país do mundo na prática de construções sustentáveis (números do ano de 2018)

Fonte: Relatório LEEDS, 2019

Comissão de Obras Industriais e Corporativas ESG na Indústria da Construção



***Você deve estar pensando:
Ok, tudo bem.....***

Agora me responde:

- Porque devo investir em ESG?
- O que minha empresa ganha com isso?
- Isso dá dinheiro?
- Vai custar caro?
- Não seria apenas um modismo?

Ok, são boas perguntas e vamos nos esforçar para respondê-las, mas antes vamos sugerir algumas perguntas adicionais:

- O que meus concorrentes estão fazendo (ESG)?
- O que os investidores consideram importante?
- Sabemos os riscos, oportunidades e tendências?
- Estamos preparados?

Comissão de Obras Industriais e Corporativas ESG na Indústria da Construção



O que posso fazer no curto prazo?

Em primeiro lugar, é importante que você saiba que já faz e talvez não saiba...

Somente de estar aqui conversando sobre isso você já está dando um passo...

Sugestão:

Faça um levantamento sobre o que já está sendo feito em sua empresa
(Ex. Consumo de energia, ações sociais, economias...)



“

**A jornada é longa,
mas já começamos!**



Conclusão

ESG



Environment



Social



Governance

Este trabalho teve como propósito trazer argumentos e motivações claras para que as empresas da indústria da construção reconheçam a importância de se levar a sério o **ESG**, e eventualmente sejam encorajadas a implementá-lo. É necessária uma avaliação e reflexão criteriosa sobre os aspectos ambientais, sociais e de governança na indústria, de modo a propor uma gestão atenta e responsável com mudanças concretas no dia a dia de seus negócios.

Estudos revelam que a maioria dos setores da indústria nacional conhecem de maneira relativamente superficial o tema, em especial a nossa indústria da construção, e muitos executivos ainda seguem descrentes em relação aos efeitos da adoção das práticas de **ESG** para o crescimento e a perenidade das empresas. Ao se aprofundar neste cenário, nota-se que ao adotar as práticas de **ESG**, as

empresas alavancam oportunidades e geram riqueza, aliando prosperidade social e preservação ambiental. Tudo isso alicerçado por uma cultura organizacional de fortes preceitos éticos que busca seu desempenho através do accountability e do compliance. Empresas que estão na dianteira do **ESG** no Brasil e no mundo possuem resultados consistentemente melhores que a média.

A partir das discussões oriundas desta cartilha, pode-se concluir que o **ESG** não é importante apenas para as causas ambientais, sociais e de governança, mas também para o amadurecimento da gestão e perenidade sustentabilidade das organizações. No fundo, ao dar a devida atenção a este tema, espera-se que o desempenho empresarial melhore a partir da aplicação das medidas recomendadas, uma vez que elas defendem: uso racional de recursos, o que consequentemente

reduz custos; maior diversidade de profissionais, o que, por sua vez, gera maior criatividade e atração de talentos; e uma operação transparente e ética, impulsionando a abertura de mercados e reduzindo a necessidade de controle.

Este trabalho promoveu uma importante união de organizações empresariais, entidades de classe e academia em torno do **ESG**. Os debates e encontros que fizeram parte da elaboração desta Cartilha ensejaram uma mudança de mentalidade nos executivos e nas empresas participantes, o que faz crer que um grande passo foi dado para a realização de mudanças efetivas e positivas, no nosso setor. Estas mudanças serão impulsionadoras do próximo passo, o de apoiar as empresas na implementação das práticas e métricas propostas pela agenda **ESG**.

Por fim, reforçamos os agradecimentos a todos que contribuíram com o melhor de seus esforços e conhecimentos para que este projeto fosse realizado: Sindicato da Indústria da Construção Civil no Estado de Minas Gerais (Sinduscon-MG), Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), representada pela Comissão de Obras Industriais e Corporativas (COIC), Fundação Dom Cabral (FDC), representada pelo professor Pedro Lins, aos autores desta Cartilha e membros da Subcomissão de Contratos da Comissão de Obras Industriais e Corporativas (COIC) do Sinduscon-MG.

Esta Cartilha também integra o projeto “Fortalecimento das Empresas de Obras Industriais e Corporativas” da COIC/CBIC com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI Nacional).





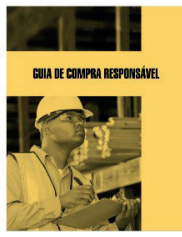
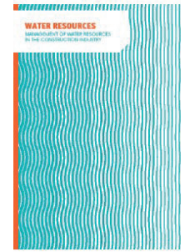
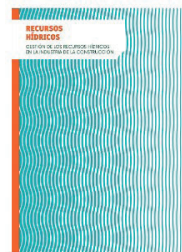
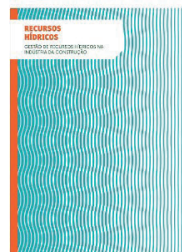
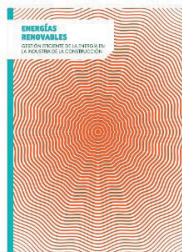
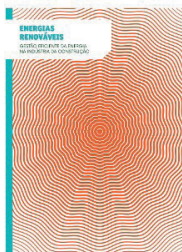
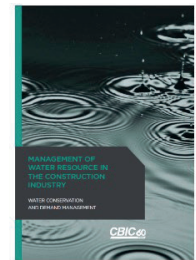
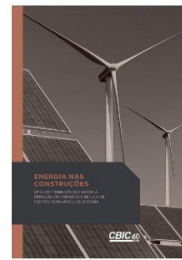
Publicações CBIC

Publicações CBIC

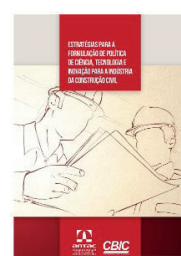
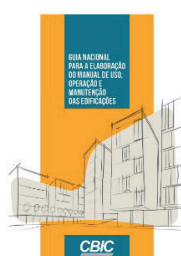
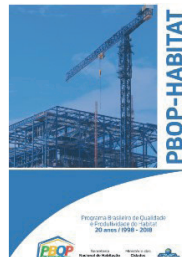
OBRAS INDUSTRIAIS E CORPORATIVAS



SUSTENTABILIDADE

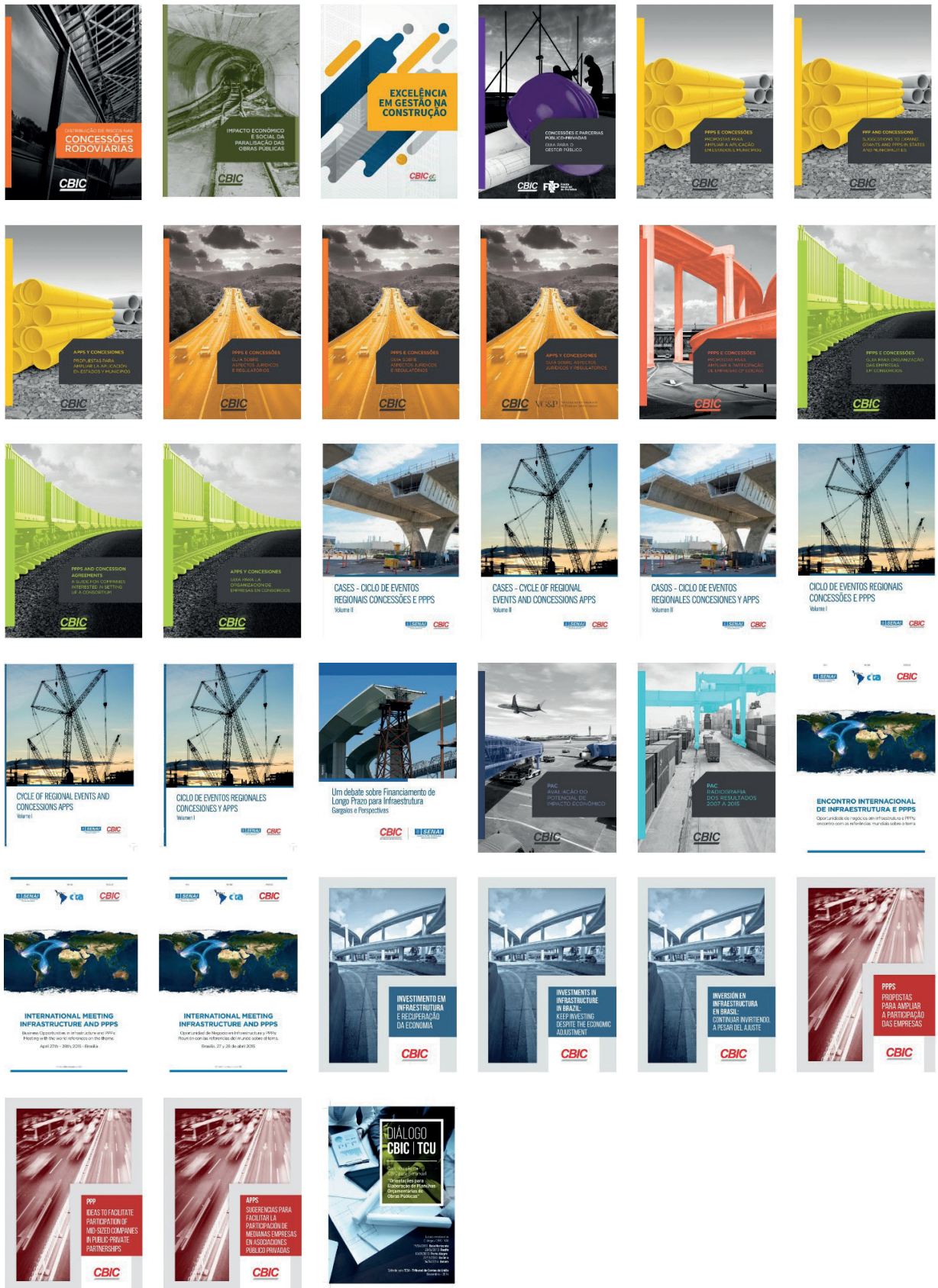


INOVAÇÃO

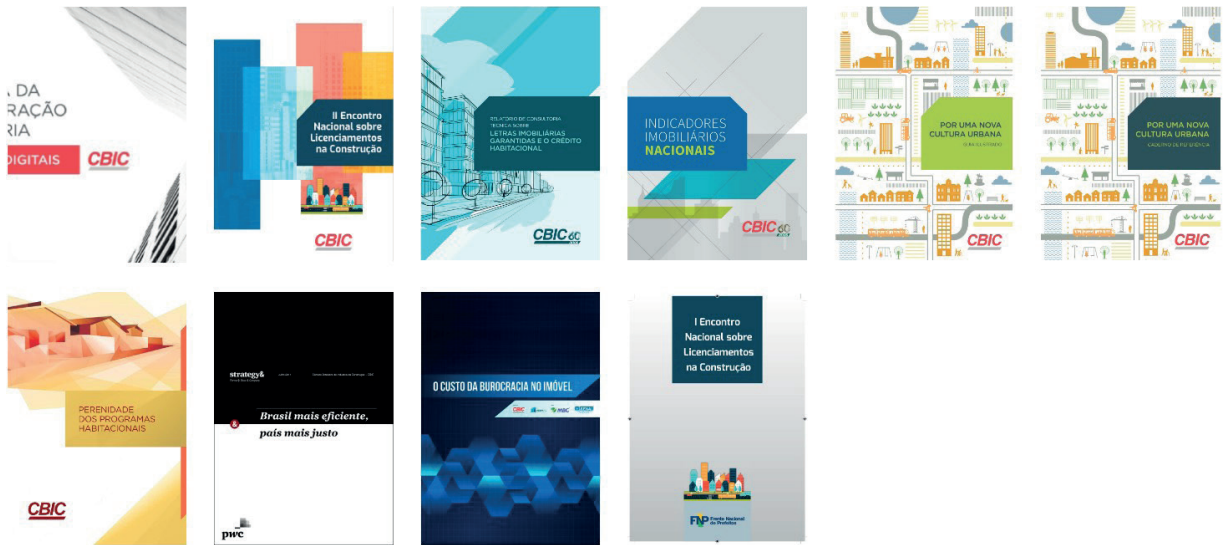


INFRAESTRUTURA





INDÚSTRIA IMOBILIÁRIA



RESPONSABILIDADE SOCIAL





POLÍTICAS TRABALHISTAS



JURÍDICO





Apoio



Sinduscon-MG
O PARCEIRO DA CONSTRUÇÃO

FDC
Para ser relevante.

Correalização



Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
PELO FUTURO DO TRABALHO

Realização

CBIC



Apoio



Correalização



Realização

